

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

É de Sonho e de Dó...

**Reflexões inspiradas
na pandemia de
Covid-19 no Brasil**

ACADEMIA SALTENSE DE LETRAS

É de Sonho
e de Pó...

Reflexões inspiradas na pandemia
de Covid-19 no Brasil



mirarte

2021

© Academia Saltense de Letras, 2021

Todos os direitos autorais reservados e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.02.1998.

Coordenação editorial
Rose Ferrari

Revisão
Maria Jô de Campos

Conselho Editorial
Anna Osta
Eloy de Oliveira
Marco Rafael Leite Ribeiro
Marilena Matiuzzi
Mércia Falcini

Capa
Caio Cesar Canovas

Projeto gráfico e diagramação
Mirarte Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

É de sonho e de pó-- : reflexões inspiradas na
pandemia de Covid-19 no Brasil / Academia Saltense
de Letras. -- 1. ed. -- Salto : Mirarte, 2021.

Vários autores
ISBN 978-65-993832-4-3

1. Contos brasileiros - Coletâneas 2. COVID-19 -
Pandemia - Brasil 3. Crônicas brasileiras -
Coletâneas 4. Ensaio brasileiro - Coletâneas
5. Poesia brasileira - Coletâneas I. Academia
Saltense de Letras.

21-81087

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Antologia : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



editoramirarte

SUMÁRIO

A proposta	7
Apresentação	11
ENSAIOS	
Antônio Oirmes Ferrari Um paralelo com “Vidas Secas”	17
Décio Zanirato Jr. O sequestro do tempo	25
Marco Rafael Leite Ribeiro A fé caipira em Pirapora	31
Mércia Falcini Espere o inesperado	37
CONTOS	
André Luiz Palhardi Uma prece em uma prosa	43
Anna Osta Sob certo olhar	51
Dimas Siqueira Silva Eu sou	59
Eloy de Oliveira A menina do casarão branco	65
Francisco Carlos Garcia A tapeçaria	75
Jean-Frédéric Pluinage Caipira pirapunk	83
Katia Auvray Vilarinho	89

Marilena Matiuzzi Minha mãe solidão	95
Núbia Istela Malas prontas	101
Valter Berlofa Lucas Nos corredores do hospital	107

CRÔNICAS

Alberto Manavello O sonho do Nonno	115
Andrade Jorge Nova normalidade	123
Antonio Carlos Valini Vacilotto Sonhar é preciso	127
Cynara Lenzi Veronezi Desventuras de uma escritora infantil	135
Duarte Rodrigues Sonhos de peão	143
Maria Christina Noronha Liberalesso Experiência de quase morte	149
Mônica Leite de Araújo Dalla Vecchia Encontro místico	155
Toni Tordivelli Caipira de Tanabi	161
Valter Lenzi Um caipira do Sarto	167

POESIA

Augusto Gasparini Filho Romaria	175
--	-----

A PROPOSTA

*“É através da Literatura que cultivamos,
cumulativamente, a alma de uma sociedade...
Não deixe de dizer a sua palavra”.*

A frase foi proferida pelo professor Cesar Nunes, um dos maiores nomes da Educação brasileira, durante sua palestra na quarta Semana Cultural Ettore Liberalesso, realizada pela Academia Saltense de Letras (ASLe), em abril de 2021. O tema “Literatura e Educação: fios e desafios das narrativas escritas e das práticas de aprender e ensinar” foi acompanhado por mais de 500 pessoas, uma plateia até então inédita para os eventos da Academia.

O discurso de Nunes – um bálsamo sobre as almas castigadas pelo isolamento, pelas dores e pelas tristezas

da pandemia – soou e ressoou em minha mente. Foi, ao mesmo tempo, um estímulo e uma provocação; um elogio e um desafio; um conselho do mestre e uma tarefa...

Dias depois, na primeira reunião subsequente da ASLe, momento em que celebramos o sucesso alcançado pela Semana Cultural, percebi que o “efeito Cesar Nunes” havia se disseminado entre os acadêmicos: “precisamos escrever”, clamou a acadêmica Mércia Falcini.

O grupo, que parecia esperar por uma oportunidade, abraçou rapidamente a proposta de lançar sua quarta antologia ainda em 2021. Eu, tocada pelos argumentos de Cesar Nunes, me dispus a elaborar os projetos literário e editorial.

Ainda na trilha do pensamento do educador – “cultivo cumulativo da alma de nossa sociedade”, buscamos uma inspiração poética e simbólica com a qual nos identificássemos e que traduzisse os sentimentos que permeiam a vida do brasileiro, não só durante a pandemia, mas desde sempre. Assim nasceu esta obra: “É de sonho e de pó... - Reflexões inspiradas na pandemia de Covid-19 no Brasil”.

Adotou-se como orientação poética a letra da canção “Romaria”, de Renato Teixeira, gravada pela primeira vez em 1977 pela cantora Elis Regina. Nos últimos 40 anos, a composição já teve mais de cem versões, na voz de inúmeros intérpretes, figurando entre as mais executadas da história da música brasileira. Com versos simples, mas de forte poder simbólico e de identificação popular, tornou-se representativa do modo de vida do brasileiro comum, que invariavelmente passa pelo sofrimento, pelas frustrações, pela desesperança e pela fé.

Romaria

Renato Teixeira

É de sonho e de pó
O destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó
De gibeira o jiló
Dessa vida cumprida a sol

Sou caipira Pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

O meu pai foi peão
Minha mãe, solidão
Meus irmãos perderam-se na vida
À custa de aventuras
Descasei, joguei,
Investi, desisti
Se há sorte, eu não sei, nunca vi

Me disseram, porém
Que eu viesse aqui
Pra pedir, de romaria e prece,
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar, meu olhar

Mais que uma coletânea de produções literárias desconectadas, a ANTOLOGIA reúne reflexões inspiradas na pandemia de Covid-19 no Brasil; um trabalho diversificado quanto a gênero e estilo, mas alinhavado pela mesma poética.

Sem fugir dos efeitos devastadores da pandemia nos diversos segmentos da vida social brasileira, pretendemos ultrapassar o lugar-comum de fazer deste livro um compilado de lamentações subjetivas, mas que, ao contrário, inova com uma visão mais literária e abrangente sobre esse período, do qual se depreende com muita clareza a dimensão trágica da existência humana.

Rose Ferrari
Editora e membro da
Academia Saltense de Letras
Patrono: Mário Quintana

APRESENTAÇÃO

Acredito, fielmente, que a maior de todas as invenções da humanidade foi a ferramenta da escrita. Sim, ferramenta, porque ela foi sendo moldada e aperfeiçoada através dos tempos e, a cada século, ano, mês ou dia, exerceu seu poder de transformar tudo e todos por ser o maior veículo de comunicação do planeta.

Por isso, para aqueles que exercem a arte da escrita, existe um grande fascínio pelo puro prazer de saber que, às vezes, uma única palavra, uma única frase, colocada num determinado contexto, consegue expressar mil sensações, mostrar cores inimagináveis e trazer o aroma dos melhores perfumes e os sabores dos mais deliciosos pratos em apenas alguns segundos.

Como seria o mundo, como seria a humanidade sem essa ferramenta é alguma coisa que não dá sequer para imaginar. Porém, ao contrário disso, tudo o que imaginamos pode ser escrito. Mas, por mais cautelosos que sejamos, penso que a grande maioria dos milhões e milhões de pessoas distribuídas pelos mais variados pontos da Terra, jamais imaginou que nossa principal

ferramenta seria utilizada para registrar, por tanto tempo e em tantos lugares, os momentos, as horas, os dias, os meses, enfim, mais de um ano, de nossa suscetibilidade ao perigo invisível que assolou o mundo e o deixou de cabeça pra baixo.

Agora, já passados 22 meses do início de uma desventura que praticamente ninguém previu, alguns pequenos movimentos de melhora pairam no ar e as coisas parecem começar a tomar força para um novo ciclo que trará mais esperança e uma humanidade melhor.

Mas, o que passou – e que ainda não se findou por completo, acabou deixando muita dor e marcas profundas que o remédio do tempo demorará para conseguir abrandar.

Há ainda aqueles que acreditam num desígnio divino que serviu para depurar os grandes males do mundo, enfim... as muitas opiniões se proliferam aos quatro ventos.

O novo cenário, hoje também chamado de novo normal, realmente nos fez refletir diante do que vivenciamos nesse período tão instável e de tantas incertezas.

Então, não poderíamos deixar de expressar nossas opiniões e sentimentos sobre essa fase tão intensa de nossas vidas, a partir dos olhares daqueles que cultuam a escrita como grande aliada em prol de melhorias possíveis para o mundo em que vivemos.

Sendo assim, é com imensa satisfação que trazemos até você, leitor, mais uma obra em formato de antologia, produzida pelos membros da Academia Saltense de Letras - ASLe.

Desta vez, usamos como inspiração a letra da música Romaria, do compositor e cantor Renato Teixeira, por ser considerada uma das grandes obras atemporais

da música brasileira, caracterizada por seu expressivo conteúdo poético que, embalado pela genialidade musical, transformou-se num mantra de fé que acalenta os corações.

Ao lermos a letra de Romaria, as interpretações e reflexões multiplicam-se, e os caminhos do nosso imaginário afloram trazendo-nos muitas passagens significativas que a difícil jornada na pandemia impôs à vida de todos nós.

Levando em consideração todos esses aspectos, a maioria dos membros da Academia Saltense de Letras se dispôs a expor neste livro as suas impressões. Em textos com abordagens distintas traçam direta ou indiretamente, um paralelo com a bonita obra escrita por Renato Teixeira.

No decorrer das páginas temos a oportunidade de encontrar uma grande diversidade, tanto de estilos quanto de opiniões e, por que não dizer, de olhares conceituais e críticos que cada um dos conteúdos apresenta. São ensaios, contos e crônicas, assim como temos o deleite da sonoridade de um poema, que coloca cada palavra em seu devido lugar, formando um buquê literário tão belo e intenso que nos embala suavemente em pensamentos, divagações e boas lembranças.

Enfim, nossa intenção é a de levar a você, leitor, um conteúdo literário útil e agradável, que possa suscitar todos os possíveis momentos de prazer que uma boa leitura pode proporcionar.

João Carlos Milioni
Escritor e presidente da
Academia Saltense de Letras
Patrono: João Guimarães Rosa

ENSAIOS



UM PARALELO COM “VIDAS SECAS”

Antônio Oirmes Ferrari

Nos dias hodiernos, em que o mundo se debate, sem esmorecer, com essa praga chamada Coronavírus, que surgiu de repente entre nós, num abrir e fechar de olhos, trazendo sobressaltos a toda parte, seja nos locais abastados e mais sofisticados, como nos casebres onde a pobreza impera, vamos encontrar a figura de um ser humano, de carne e ossos como todos nós, com seus sonhos e quedas.

Realcemos de início que, “mutatis mutandis”, a vida do homem carente, deste imenso Brasil de desigualdades, tem se repetido vezes e vezes – pesa-nos dizer – pelo sofrimento, frustrações e desesperança.

Compulsando o tema proposto, tão bem expresso no festejado poema “Romaria” de Renato Teixeira, fomos buscar um típico brasileiro sofrido e o encontramos na obra impercível de Graciliano Ramos, “Vidas Secas” – batizado com o nome de Fabiano, que tão bem se amolda com a temática proposta. Em toda sua sofrida infância, há a narrativa de sonhos somente e nada

conquistar. Em síntese, são fracassos sucessivos e essa tão flagrante desilusão vemos nesses primeiros versos da primeira estrofe desse belo poema-musical:

“É de sonho e de pó
O destino de um só”

Logo no terceiro verso, o homem se apresenta em situação altamente passional, como que distante de tudo, sem esperança, sublinha o “eu” e o seu cavalo:

“Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo”

E completa, com o que é o seu dia a dia, em que não alcançou nada, nessa vida de trabalho, de sol a sol:

“É de laço e de nó
De gibeira e jiló
Dessa vida cumprida a sol”.

Vimos – respeitadas outras interpretações mais cultas – um paralelo entre o belo poema “Romaria”, de Renato Teixeira, e a história tão bem traçada de um sofrido homem brasileiro, na obra “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos. Apenas os locais, onde se desenvolvem ambos os enredos, poderiam ser diferentes. Porém o drama é o mesmo, neste País de tantas desigualdades. Esse ser, batizado Fabiano, é o protótipo do brasileiro comum, esquecido, cuja vida é marcada pelo sofrimento, frustrações e desesperança.

É através dessa festejada obra, vertida em vários idiomas, que o autor apresenta a composição objetiva do quadro, que condiciona negativamente o comportamento do homem miserável, do vaqueiro, do enxaedro, das criaturas pobres dos campos distantes e dos sertões, esquecidas e abandonadas da sorte. Ainda se salva a fé.

Fabiano é um ser rude, típico vaqueiro do sertão,

sem instrução. Sem ter frequentado a escola, é quase incapaz de expressar seu pensamento com palavras e chega a ver-se como um animal, às vezes, nas horas de desesperança. Então, bebe muito e por vezes perde o pouco que recebe do seu trabalho, no jogo. É empregado em uma fazenda, tem o seu cavalo – o único pertence – e sente a brutalidade com que seu patrão o trata. Tomás da Bolandeira é o dono da fazenda, onde a pobre família de Fabiano se abrigou, quando de terrível tempestade. O patrão é o tipo do homem poderoso daquela região, que não costuma nada pedir, pois impõe sua vontade. Quando diante de pessoas de mais letras, Fabiano admira o dom que elas possuem com a palavra. Por outro lado, assim como as palavras bonitas e as ideias o seduzem, logo o cansam.

Certo dia, em suas andanças pelas redondezas, entra em um bar e se vê frente a um problema...Diante de um soldado amarelo, assim chamado por causa da cor de sua farda, este o desafia para um jogo de apostas. Visivelmente irritado por perder o jogo, o soldado amarelo, corrupto e arbitrário – usando do prestígio por estar fardado (que naquele local significa “poder”) - ofende Fabiano, com pesados insultos e o pobre vaqueiro ouve tudo calado, pois não consegue se defender, diante do homem poderoso, representante do Governo. Este se excede nas baixas tratativas, o que leva Fabiano a ofender a mãe do soldado. Como quem tem o poder leva a melhor, Fabiano é preso, sumariamente. Sozinho atrás das grades, fica perturbado, pensa na família que ficara sozinha e como é que ele se portaria nessa triste situação... E acaba perdendo a cabeça, gritando com todos, sem aparecer uma viva alma naquelas tristes horas que o acalmasse. Finalmente, chega o novo dia e Fabiano –

depois de receber humilhantes reprimendas do Oficial de Serviço e pedir mil perdões ao soldado amarelo, seu contendor – fora posto em liberdade.

A esposa de Fabiano é Sinhá Vitória, mulher sofrida, cheia de fé e trabalhadora. Além de ser mãe sempre amorosa, que cuida bem dos filhos e da casa, ajuda também o marido em seu trabalho. Mulher esperta, sabe fazer contas e sempre alerta o marido sobre os trapaceiros, que tentam ludibriá-lo, face à ausência de conhecimento de Fabiano.

Sinhá Vitória sempre sonhou com um futuro melhor para os filhos e jamais se conformara com a miséria em que viviam. Interessante e até motivo de comiseração com aquela mulher: seu sonho era ter uma cama feita de couro para dormir.

Nesse ambiente de extrema miséria e, em verdade, sem se darem conta com o que acontece ao seu redor, há os filhos, dois meninos. O mais novo é admirador do pai e vê nele um exemplo. Quer despertar por ele a admiração do irmão e de sua companheira inseparável, a pequena cadela Baleia. O mais velho, por sua vez, é curioso por saber e quer aprender sobre as palavras. A cada vocábulo novo que ouve quer saber o porquê, o que é... Um certo dia, ouviu a palavra “inferno”, que não conhecia e ficou intrigado... O que seria, qual é o seu significado? Perguntou primeiramente à mamãe Sinhá Vitória e dela recebeu uma resposta vaga. Chega então até seu pai, porém esse não lhe dá atenção. Retorna à mãe, para saciar sua justa curiosidade... Ela, já muito brava, dá-lhe um tapa. Desiludido, o menino vai consolar-se com sua cadela de estimação, chamada Baleia.

Um dia de muita chuva, em pleno inverno, junto à

fogueira para aquecerem-se, todos ficam em casa a ouvir as histórias contadas pelo pai, Fabiano. São histórias que, em verdade, não haviam acontecido, assim como feitos e bravuras que jamais ele realizara. Sonhador, papai Fabiano pensava e dizia que tudo iria melhorar, daí em diante. O filho mais novo dizia que a sombra do pai, junto à fogueira, o deixava com um ar grosseiro, diferente, enquanto o mais velho ouvia as histórias contadas pelo pai com um ar de desconfiança.

Chegou o Natal e a família compareceu à festa da cidade. Como sói acontecer nessas ocasiões, Fabiano embriagou-se, ficou valente, contando vantagem e pensando até em vingar-se do soldado amarelo que o desacatara em outra ocasião e o levara atrás das grades. Falou muito e, percebendo que não empolgava, já cansado, junta parte de suas roupas, faz delas um travesseiro e vem a dormir no chão. A esposa Sinhá Vitória, já cansada de cuidar do marido tristemente embriagado e também de olhar as crianças, toma coragem, encontra um cantinho e se abaixa para urinar em um lugar qualquer. O que poderia ela fazer? Logo mais, satisfeita, acende sua piteira de barro e sonha, como sempre, com uma cama em sua pobre casa, de fitas de couro, também com a vida e dias melhores. Sonhar é sempre possível.

Se não bastassem os percalços do seu dia a dia, Fabiano se depara, dias após, com o estado em que se encontrava a alegria da família, a pequena cadela Baleia jaz, quase inerte, com seus pelos caídos e muitas feridas na boca, tudo levando a crer que ela estava muito doente. Tenta reanimá-la junto com os filhos, mas ela não reage. Está mal... Resolve então o vaqueiro sacrificar o pobre animal. A tristeza é geral naquela pobre família,

que parece prestes a perder um ser de sua gente. Sinhá Vitória, então, recolhe os filhos, para afastá-los daquele quadro desolador. Estes, inocentes, protestavam contra o sacrifício da cadela Baleia, a alegria da casa, mas não havia o que fazer. É cruenta a cena: Fabiano dá o primeiro tiro e acerta o traseiro do indefeso animal, que fica com as patas inutilizadas. A pobre cadela sentia seu fim próximo e vem a morder Fabiano, no derradeiro ato de defesa. Embora sentisse naquele momento raiva do vaqueiro, ela o tinha como companheiro de anos. E nessa casa que lhe fora sempre amiga, onde já caçara presas à vontade, Baleia recebe o tiro de misericórdia e morre, com muitas dores e arrepios.

Conta o triste destino que os dias vão passando para essa família, sem eira nem beira. Diante de um céu, sem nenhuma nuvem que pudesse esconder o seu lindo azul e nada mais havendo a fazer e sonhar por melhores dias naquelas terras, Fabiano decide rumar para novas plagas. Pensa encontrar melhor emprego em outra fazenda, com um patrão mais humano e leal. Havia chegado a hora... Partiram de madrugada, deixando tudo para trás. Sem esmorecer, mas de cabeça baixa, seguiam para um novo destino de esperança. De lembrança, a imagem da cadela Baleia, que doente havia sido sacrificada, ficara nos pensamentos confusos de Fabiano. Sinhá Vitória, boa companheira junto aos meninos, procurava um fio de conversa com seu marido, durante a caminhada.

Do que cabia a Fabiano, apenas o seu cavalo lhe restara. Este seguia junto a essa gente, carregando as duas crianças, talvez como um ato de gratidão do pobre animal. Na estrada, Fabiano e Sinhá Vitória sabiam que a caminhada seria longa, mas seguiam fazendo planos

em busca da esperança de dias melhores. A fé está presente. Deus permita existir um futuro mais promissor para seus filhos... enquanto esta vida lhes deixasse de ser simplesmente de SONHO E DE PÓ.

ANTÔNIO OIRMES FERRARI é casado com Nídia Hyppolito Ferrari, tem dois filhos e três netos.

É formado em Letras, com especialização em Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira, pela PUC/Campinas. Por concurso público exerceu as funções de Catedrático de Português e, em seguida, de diretor de escolas estaduais durante cerca de 30 anos. Foi também Diretor do Conservatório Municipal “Maestro Henrique Castellari”, por 10 anos, além de secretário municipal da Cultura e Turismo e secretário municipal da Educação.

É também bacharel em Direito, inscrito na OAB/SP- sob o nº 19.408. Foi vereador por 15 anos (1964-68, 69-72, 77-82). Integra o jornalismo saltense há anos, com seções sobre o idioma pátrio, literatura, poesia, educação e esportes. Foi diretor da Faculdade Sant’Anna de Salto de 2000 a 2015.

É autor de várias obras, entre elas “Nosso Idioma de Cada Dia” e teve participação das Coletâneas I, II e III da ASLe. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, sob patronato de Machado de Assis, tendo exercido a Presidência da instituição por cinco anos.



O SEQUESTRO DO TEMPO

Décio Zanirato Jr.

PRÓLOGO

*“O meu pai foi peão,
minha mãe, solidão,
meus irmãos perderam-se na vida.”*

Descrição melancólica da família do caipira que pode estender-se a todos os esquecidos e desperdidos da fortuna.

*“A custa de aventuras
descasei, joguei,
investi, desisti,
se há sorte, eu não sei, nunca vi.”*

Após vida repleta de tentativas e experiências, o caipira sente-se desiludido e sem perspectivas.

Essas condições assemelham-se às das pessoas idosas, que se encontram esquecidas e sem perspectivas no tempo que lhes resta de vida. A pandemia agrava essa situação, pois tira a vida dos vivos e lhes sequestra a subsistência digna, as aspirações, os projetos e sonhos, enfim sequestra-lhes o tempo de viver.

O DRAMA

A velhice, por mais edulcorado que seja o tratamento desse período da vida, é um drama. Cultiva-se sobre ela a ideia de ser a fase da sabedoria, da temperança, do equilíbrio, o que em alguns casos pode ser verdadeiro. Mais certo, porém, é o fato de que nela decaem o vigor físico e mental, progridem as doenças crônicas e sobrevém a sensação de insegurança.

À medida que a idade avança, o passado aumenta e o futuro diminui. Conforme o filósofo Schopenhauer, “encarada do ponto de vista da juventude, a vida é um futuro indefinidamente longo, ao passo que na velhice ela parece um passado deveras curto... Um homem precisa ter envelhecido e vivido bastante para perceber quão curta é a vida”. Mesmo assim, o passado é acalentado com ricas memórias, enquanto o futuro, mais curto ainda, é envolto em muita incerteza e insegurança e pouca expectativa e esperança.

A TRAGÉDIA

Uma pandemia é sempre uma tragédia, principalmente quando não se tem conhecimento suficiente e meios hábeis e adequados para combatê-la. Ceifar vidas e gerar doentes em grandes números é a maior das tragédias; mas também é trágica a penúria por que passam as inúmeras pessoas sem trabalho e formas de subsistência, provocada por uma economia enfraquecida. Tristes são algumas das consequências de necessárias medidas para estancamento da explosão virótica, como o confinamento das pessoas, a não circulação e o distanciamento social, que, somados à não participação em eventos, ao abandono dos habituais lazeres e dos

encontros com os amigos, provocam a reorganização do “modus vivendi”.

Quando isso vai acabar? Quando voltaremos à normalidade? Alguns estudiosos opinam que as pandemias só acabam pela imunização e cura ou pelo esgotamento social. Como em outras pandemias da história, a cura demora, as pessoas se cansam, a preocupação arrefece e os cuidados são abandonados, dando continuidade aos contágios. O impacto da pandemia diminui socialmente antes de seu final médico. Outros analistas concluem que as pessoas se habituem com a profusão de mortos e doentes e, bombardeados pelos meios de comunicação, saturadas, quedam-se insensíveis e inertes. Faz sentido nesse contexto a seguinte frase, de autoria não bem definida: “Uma única morte é uma tragédia; um milhão de mortes é uma estatística”.

O quadro das realidades e interpretações fica mais confuso e sombrio com a contaminação da política radicalizada. De qualquer modo, incontestavelmente, a pandemia é uma tragédia.

A CIRCUNSTÂNCIA

É o encontro do drama com a tragédia, das perdas pessoais da velhice magnificadas pelas aflições da pandemia. O tempo de vida ativa das pessoas é encurtado pelas atribulações pandêmicas; tempo que pode ser recuperado após sua contenção, mas não da mesma forma para todos.

A recuperação do tempo perdido é bastante factível, até estimulante, para os jovens, privilegiados por largo horizonte de oportunidades e por um longo futuro. Para os idosos, o único privilégio aparente é a prioridade na fila de vacinas, que lhes proporciona algum

alívio, mas não um alvará de soltura. Seus dias de vida não são muitos; quando puderem desfrutá-los plenamente, após a pandemia, estarão com sua saúde mais fragilizada e carentes em instrumentos e recursos adequados. Essa carência será motivo de dificuldades na comunicação e expressão e no desfrute da educação e da cultura, dependentes em grande parte de recursos digitais e tecnologias outras, dificilmente assimilados pelos costumes e repertório dos mais velhos.

Na velhice, o tempo restante de vida, que abriga projetos, sonhos e esperança, é deteriorado pela pandemia. Além disso, mais confinados, os velhos veem diminuídas irrecuperavelmente sua convivência com os outros e sua participação nas atividades variadas e cotidianas, que colore suas vidas. Essa circunstância provoca neles um estado de indiferença, sem perspectivas, sem objetivos, sem alegria, que tem sido chamado por alguns analistas de definhamento – sentimento de vazio e estagnação em dias monótonos e repetitivos.

EPÍLOGO

O fim desta história está na superação da circunstância, mais especificamente da pandemia, pois o drama da velhice continuará, ainda que possivelmente mitigado.

É a iluminação na vida do caipira, pedida por ele na Romaria.

A passagem do tempo não pode ser lamentada como se os idosos fossem apenas vítimas dela. Uma mudança de atitude perante ela se impõe: a de ser considerada mais atenta e carinhosamente, para ser mais bem aproveitada. É necessário, primeiramente, durante a pandemia, que se evite o exacerbar de certos com-

portamentos deletérios, como os de autopreservação – hipocondria – ou de autodestruição – alcoolismo. Para todos, e mais ainda para os mais velhos, é importante preencher o tempo com interesses, objetivos e projetos válidos e adequados e com conversas robustas e significativas, mesmo à distância. O enfrentamento de alguns desafios é saudável, para que se reavive parte da energia e entusiasmo, ensejando o deleite de pequenas conquistas.

A circunstância adversa, finalmente, pode ser amenizada, ao menos pelos idosos que dispõem de básicas condições de subsistência, pelo desfrute consciente e agradecido dos pequenos prazeres do cotidiano, que a vida, como uma dádiva, lhes proporciona.

DÉCIO ZANIRATO JR. é aposentado de profissão, mas não do interesse pelas coisas do mundo. Diplomou-se em Pedagogia e Direito pela PUC Campinas, cursou Sociologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo e Administração no IMD (International Institute for Management Development), na Suíça. Participou de estudos e eventos em países da Europa, Japão e Estados Unidos.

Trabalhou no Sesc e no Senac do estado de São Paulo, atuando nas áreas de orientação social e pedagógica, pesquisa e desenvolvimento e planejamento. No Senac, aposentou-se como Superintendente. Após, dirigiu o Departamento Regional do Senac do Rio de Janeiro. Integrou os Conselhos Editoriais das Editoras do Senac de São Paulo e do Rio de Janeiro.

Integra a Academia Saltense de Letras desde 2013, onde ocupa a cadeira nº 22, cujo patrono é Fernando Pessoa.



A FÉ CAIPIRA EM PIRAPORA

Marco Rafael Leite Ribeiro

Há alguns anos moro na cidade de Cabreúva, uma cidade do interior paulista rodeada por serras, com destaque para a Serra do Japi, um patrimônio natural tombado pelo CONDEPHAAT (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico) com quase metade de sua área presente em terras cabreuvanas.

Outro destaque é para a religiosidade, a fé que se manifesta em diferentes tradições, sendo o catolicismo a mais antiga registrada e presente na cidade, uma fé que remonta ao início da formação do núcleo povoador do município. Uma prática que merece ser estudada a fundo e é uma marca do patrimônio imaterial da cidade é a romaria, com destaque para o período da Semana Santa, importante data no calendário cristão católico, simbolizando o momento de morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Tal festividade é tão significativa que, ao se referir aos preparativos da Semana Santa em Itu, o historiador Luís Roberto de Francisco afirma que “tinha gente que

cobria espelhos para evitar olhares da vaidade, muito mais ofensivos neste tempo de penitência”, nota-se a mistura entre fé e superstição, uma das características dessa religiosidade popular. O historiador continua dizendo que a “Semana da Paixão é o momento mais significativo no calendário cristão. Tem início com o Domingo de Ramos e finaliza-se no Sábado Santo.” (FRANCISCO, 2005).

Todos os anos, centenas de pessoas passam pela cidade em peregrinação, vindas de diversos lugares da região, com destino a Pirapora do Bom Jesus. As motivações são várias: pagar uma promessa realizada após ter uma graça alcançada, jurar uma promessa ou simplesmente caminhar como prova de sua devoção à Santíssima Trindade, a algum Santo(a) ou à Nossa Senhora, figura quase sempre presente na devoção popular. Minha esposa Paula e eu, inclusive, precisamos cumprir uma que fizemos para agradecer o nascimento dos bebês. Dessas centenas de pessoas, algumas fazem paradas em Cabreúva.

A estrada que liga Itu a Cabreúva ainda hoje é invadida por penitentes a caminho de Pirapora. Cruzes às costas, pagam promessa; romeiros fiéis, imitando Jesus ao carregar a sua cruz. São dezenas de pessoas a peregrinar até o Santuário do Senhor Bom Jesus. A imagem venerada ali, encontrada no Rio Tietê, representa Jesus flagelado e coroado de espinhos, o Ecce Homo [...].

[...] o trajeto de cinquenta ou cem quilômetros carregando uma cruz é uma invenção que comove, pela tenacidade dos penitentes em cumprir suas promessas, algumas que devem ser “pagas” ao longo de muitos anos. Chegar a Pirapora na Sexta-Feira Santa significa a realiza-

ção do sacrifício imposto e um alívio espiritual para o penitente emocionado.

A Semana Santa é um momento único no ano, de recolhimento, reflexão, silêncio e dor. (FRANCISCO, 2005)

Tão variados quanto as motivações, são os meios pelos quais as pessoas se deslocam até a cidade vizinha: muitas vão na caminhada, outras, de bicicleta, a cavalo, de motocicleta, carro, enfim, diversos meios de locomoção. Um fenômeno curioso é a quantidade de pessoas que carregam cruzeiros em suas costas, algumas maiores, outras menores, todas com algum significado para aquele fiel. Trato o movimento de fé descrito como um patrimônio imaterial, isso porque, de acordo com o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico, Nacional):

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (IPHAN, 2021)

É, de fato, uma notável manifestação cultural coletiva já presente no imaginário e nas práticas populares e cristãs caipiras, contribuindo para a identidade da cidade, identidade cultural e religiosa. Lembro-me da história contada pela historiadora cabreuvana Maria Daniela Bueno de Camargo Paulino acerca de uma promessa realizada por sua avó para se curar de uma determinada enfermidade. Ao ter seu pedido atendido, esta foi ba-

nhar o braço nas águas do Tietê em Pirapora e convidou a neta para que fizesse igual, claro que foi um convite um tanto peculiar, se pensarmos nos dias atuais. Tal história me faz recordar os versos de Cornélio Pires no poema A Festa de S. João, “Depois, das diversões cortando o fio, o povo em procissão, de madrugada, vai lavar o S. João, além, no rio.” (PIRES, 1985).

Pois bem, escrevi tudo isso com a intenção de relacionar o tema do texto que é a religiosidade, a cultura popular à pandemia que assola o mundo desde o ano de 2020. O caipira, presente no primeiro verso da estrofe do poema “Romaria”, é aquele homem do campo, que desenvolve uma cultura própria de subsistência, aquele que habita o interior, daí a origem do termo tupi kai-ñ-pirá.

A religiosidade do caipira, como já mencionado aqui, leva traços de superstição, deixar de ir a Pirapora em Romaria na Semana Santa, ainda mais após ter feito uma promessa, é algo inviável. Desde março de 2020, quando foi decretada a pandemia, muitas manifestações religiosas presenciais, assim como diversas outras atividades, dispensaram seus públicos e tiveram que aderir ao remoto, imagine para um fiel devoto, de uma hora para outra, não poder mais cumprir sua peregrinação em demonstração de fé!

No período de Semana Santa, foram muitas ligações recebidas na Secretaria de Cultura e Turismo de Cabreúva, meu local de trabalho agora em 2021, deromeiros que buscavam informações para a possibilidade de passarem por Cabreúva rumo ao santuário do Bom Jesus. Este que vos escreve, por sua vez, seguindo os protocolos para saúde no Estado de São Paulo, ficou impossibilitado de receber os milhares de fiéis. Muitos foram,

mas se depararam com a Igreja fechada, cumpriram suas promessas na esperança de que o templo se fechara, mas que o Bom Jesus olhava por eles; outros aderiram ao remoto, outros tantos, como Paula e eu, aguardam a Romaria tradicional, quando pudermos nos aglomerar.

Essa é a fé do romeiro, a fé do caipira, a fé de gente que segue suas crenças e superstições, acreditando que esse “novo normal” logo passará e, muito em breve, o caipira voltará em romaria, rumo a sua amada Pirapora, crendo na intercessão de Nossa Senhora de Aparecida ao encontro do Bom Jesus.

Referências Bibliográficas

FRANCISCO, Luís Roberto de. *A Paixão Segundo Itu*. Itu: Ottoni Editora, 2005.

PATRIMÔNIO Imaterial. IPHAN, 2021. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>>. Acesso em: 15 de jul. de 2021.

PIRES, Cornélio. *Musa Caipira*. Tietê: Rumo, 1985.

MARCO RAFAEL LEITE RIBEIRO. Natural de Itu, morou, por mais de dez anos, em Salto e, atualmente, reside com sua esposa, dois filhos e um cachorro em Cabreúva.

Pós-graduado em Sociedade e Cultura, graduado em História e Sociologia, é professor de História e Geografia em escolas da rede privada de ensino e Secretário Adjunto de Cultura e Turismo em Cabreúva.

É pesquisador no Museu da Música - Itu e membro da Academia Saltense de Letras, titular da cadeira nº 1, cujo patrono é Ettore Liberalesso.



ESPERE O INESPERADO

Mércia Falcini

Já faz um bom tempo que o intelectual francês Edgar Morin nos desafia, sobretudo aos pais e professores, a educar crianças e jovens para sobreviver em um mundo de incertezas, por meio do pensamento complexo. Em sua tese, ele defende, aos cem anos de idade, que uma teoria só é científica se for refutável e que a incerteza permanece um elemento inexpugnável da condição humana.

Embora estudiosa de sua obra, confesso que Morin só me fez compreensiva na pandemia. Em suas palavras, quando questionado sobre as vulnerabilidades da vida acentuadas pela Covid-19, diz: “Não sabemos se devemos esperar o pior, o melhor, ou uma mistura dos dois: caminhamos na direção a novas incertezas. Os conhecimentos multiplicam-se exponencialmente de tal forma que ultrapassam a capacidade de nos apropriarmos deles; lançam, sobretudo, um desafio para a complexidade: como confrontar, selecionar, organizar os conhecimentos de forma adequada, ao mesmo tem-

po religando-os e integrando as incertezas”.

Por isso, a tese de Morin finalmente fez sentido, pelo menos a mim. Durante a pandemia, fomos todos obrigados a encarar as incertezas e assumir que tudo aquilo que parecia separado está conectado, porque uma catástrofe sanitária envolve integralmente a totalidade de tudo o que é humano. Obrigamo-nos a mudar. Mudamos o jeito de fazer escolas, reuniões, visitas, eventos e encontros. Presenciamos o desmoronar de hábitos e rotinas por um minúsculo, microscópico vírus. E ainda tivemos de decifrar uma doença desconhecida, sem vacina que imunizasse ou remédio que curasse. Nesse cenário, enquanto cientistas do mundo todo buscavam respostas para um vírus que mata indiscriminadamente, observamos comportamentos de uma boa parte da população pautada na desinformação, anticientificismo e curas milagrosas. Ou seja, em pleno século XXI, frente a uma enxurrada de incertezas, aprendemos a duras penas que não somos imortais, que não somos imunes a doenças e, por mais difícil que seja, precisamos entender o imponderável e esperar o inesperado.

Mas esse não é um aprendizado fácil. No Brasil, chegamos a contar, até a data desta publicação, mais de 530 mil mortes. Luto e trauma coletivos que ainda estamos vivendo.

Como lidar com isso tudo? Como lidar com a impossibilidade da despedida do familiar que, isolado no hospital, acaba morrendo sozinho? Aliás, esse talvez tenha sido um dos aspectos mais sombrios da pandemia.

Por mais dolorosos que sejam, os rituais de despedidas são momentos de entrega e de partilha, como ensina o psicanalista Christian Dunker: “Precisamos dos outros para ajudar a acreditar que aquele corpo que está ali jamais voltará à vida... Precisamos dos outros para praticar o trabalho coletivo da memória sobre aquele que se foi para que tenhamos uma variedade de ângulos e perspectivas para nos ajudar a descobrir sobre a essência do que se perdeu naquela perda. Precisamos dos outros para dividir o amor e o ódio, a culpa e a vergonha que sentimos por termos deixado o outro ir, ou por sentir que o outro nos deixou e agora estamos em uma nova etapa da solidão. Precisamos dos outros para ler nossas cartas de despedidas, para sancionar as heranças recebidas ou recusadas, para decretar simbolicamente o fim do luto. Finalmente, precisamos dos outros para passar adiante e compartilhar o traço da memória sobre o qual concentra o resíduo simbólico e transformativo que dá origem a uma nova identificação”.

Talvez a tese de Morin possa nos fazer entender as causas e a dinâmica dessa pandemia. Se é que elas existem. Talvez a aceitação dos fatos que acompanhamos diariamente nesses dias tão difíceis possa nos ajudar a compreender que enfrentar as incertezas, como defende o francês, é saber, de certa forma, participar com o outro de algo em comum, como a prática da solidariedade e dos valores que permeiam as relações humanas: fé, esperança e amor.

Afinal, durante a vida, por mais complexa que

ela possa nos apresentar, o equilíbrio da balança entre perdas e ganhos, depende muito do que escolhemos enxergar.

MÉRCIA FALCINI é pedagoga com pós-graduação em Teoria e Métodos de Pesquisa em Esporte, Lazer e Cidadania pela Unicamp e especialista em Gestão Educacional. Atualmente é Secretária da Ação Social e Cidadania de Salto.

Membro fundadora da Academia Saltense de Letras, ocupa a cadeira nº 3, cujo patrono é Paulo Freire. É diretora pedagógica da Consultoria Saberes, atuando em mais de cem municípios brasileiros; presidente estadual do Podemos Educação e do Podemos de Salto. É também líder RenovaBr - formada na primeira turma e aprovada em um rigoroso processo seletivo para representar a renovação política nacional.

Palestrante e escritora; é autora dos livros: “Conversas Entrelinhas” e “Conversas na Varanda”, que reúnem crônicas focadas no desenvolvimento humano e educacional.



CONTOS



UMA PRECE EM UMA PROSA

André Luiz Palhardi

Tomás estava sentado aguardando notícias de sua esposa. Uma brisa gelada entrava pela porta entreaberta. O velho relógio branco de parede marcava pouco mais de duas horas da manhã. Seu corpo estava cansado, mas nem com o cansaço perdia a tensão pela falta de informações. Os olhos ardendo de tantas horas que estavam abertos e mesmo assim permaneciam abertos, ansiosos por uma esperança que no fundo não tinha. Esperava pelo pior. Preferia se preparar para o pior, pois assim sofreria menos. Pelo menos era o que achava. O médico apareceu na recepção.

– Senhor Tomás?

O som filtrado pela máscara ecoou pela recepção em silêncio, apesar da lotação de pessoas aguardando. Levou um segundo para que ele percebesse que estava sendo chamado, mas evantou-se e seguiu em direção ao médico. Ajeitou sua própria máscara e se aproximou. O médico começou a falar e, depois das primeiras palavras que ouviu, pareceu que seu mundo parou. Não ouviu mais nada, perdeu a noção do tempo e ficou ali por pura

estática. Travado. Inerte. Sentiu um baque do frio nas pernas e quase as dobrou e foi ao chão. Voltou a si com a voz recorrente do médico ao seu chamado.

– Senhor Tomás? Senhor Tomás? O senhor está bem? – Uma pausa e o olhar preocupado – Senhor Tomás?

– Oi. Desculpe... – disse Tomás se recompondo – Estou bem. Só preciso me sentar.

Virou-se e saiu em direção à cadeira gelada. Afastou-se sob o olhar triste do médico, que logo também se recompôs e voltou para seu trabalho. Tomás se deixou cair sobre a cadeira. Estava exausto e os longos dias que tinha passado em vigília pareceram se juntar à notícia que acabara de receber. Tudo aquilo pesava em seus ombros como uma grande rocha com mais de dez toneladas. Curvou-se para trás, esticando os ombros em um movimento circular. Deixou a cabeça para trás e olhou para o teto por uns instantes. Fechou os olhos. Sua mente se desligou por um segundo.

– Más notícias?

Disse uma voz masculina que o trouxe de volta de seu breve descanso. Tomás voltou à posição normal e notou um mendigo sentado ao seu lado. Com cabelos curtos e barba por fazer, o homem de idade mediana se vestia com restos de tecidos em uma forma de roupas que Tomás desconhecia. Sua pele era escura e tinha os olhos castanhos brilhantes, límpidos.

– Perdão? – perguntou Tomás, para confirmar que o homem se dirigia a ele.

– Você recebeu más notícias. Eu notei – disse o homem com o olhar triste e compadecido – Quer me contar o que aconteceu?

Tomás relutou por um instante. Não estava acostu-

mado a conversar com estranhos, ainda mais sobre assuntos daquele nível de particularidade. Mas o estranho o fazia sentir-se inexplicavelmente calmo, em paz. Notou que sentia um leve perfume no ar e procurou pelo cheiro, que parecia vir do estranho.

– Você notou? – perguntou o estranho – Tome, pode ficar pra você. É um pequeno galho de mirra que apanhei no jardim.

– Obrigado – disse Tomás espontaneamente enquanto aceitava a oferta do estranho. Fez uma pausa e olhou o galho da planta, colocando-o em seu bolso da blusa. Respirou fundo – É minha esposa – disse por fim – Ela teve que ser levada para a UTI e será colocada num respirador artificial.

Lágrimas escorreram por sua face e limpando-as ele olhou nos olhos do estranho, que chorava junto com ele. Seu olhar era só tristeza e ansiava por um momento de tranquilidade.

– Por que não vamos até ali e fazemos uma prece para nossa Mãe? – dizendo isso o estranho apontou para uma pequena imagem de Nossa Senhora Aparecida ao longe no corredor – Você vai se sentir melhor, eu lhe asseguro.

– Nem notei que havia uma imagem ali – disse Tomás limpando as lágrimas – Não sei se vai adiantar – Fez uma pausa – Sou ateu.

– Que mal há em tentar? – rebateu o estranho.

– Além disso, não me lembro de nenhuma oração pronta que possa fazer.

– Bem, então somos dois – deu um leve sorriso e fez uma pausa, como se procurasse pelas palavras – Você pode fazer como eu faço. Eu imagino que estou na presença dela e que ela está ali na minha frente. Eu come-

ço um diálogo imaginário sem nenhum propósito – E o estranho fez uma pausa, parecendo estar perdido nos próprios pensamentos.

– E o que mais?

– Ah, sim. Desculpe. Ela sempre acaba me perguntando como estou... me ouve e diz que tudo irá dar certo. Como qualquer mãe...

Um sorriso tomava seu rosto. Tomás relutou por um instante, mas se decidiu.

– Tudo bem. Você vem comigo? Antes de concluir a pergunta o estranho já estava em pé.

Ao iniciarem Tomás percebeu que o homem caminhava com certa dificuldade. O caminho não era longo, mas a cada pequeno passo que dava parecia que o peso que antes lhe sufocava diminuía. Seguiam em silêncio pelo caminho. Já mais próximo da imagem havia um degrau, onde o estranho tropeçou e caiu. Tomás veio em sua ajuda e tentou levantá-lo. Mas ele parecia muito mais pesado do que aparentava.

– Carrego muitos fardos, meu caro Tomás – disse ele sorrindo – E não posso nem quero dividi-los com ninguém.

Apoiou-se em uma das mãos e estendeu a outra a Tomás, que a pegou e sentiu um curativo. Não perguntou nada, pois estavam em um hospital e naturalmente ele tinha algum problema de saúde ou não estaria ali. Caminharam mais uns passos e agora Tomás segurava as mãos do estranho, sem perceber. Pararam, então, e fizeram como ele havia sugerido. Começaram a olhar para a imagem de Nossa Senhora e o contato não se desfazia. Durante alguns poucos minutos, suspiraram e ambos sabiam que haviam terminado.

– Nunca me canso de conversar com nossa Mãe –

disse o estranho.

– Foi uma conversa um pouco “diferente” do que de costume – explicou Tomás.

Viraram-se para voltar. Uma enfermeira apareceu e falou com o estranho. Tomás notou que ainda segurava na mão dele e soltou-a.

– Olá, Senhor Emanuel. Bom dia! Quem é seu novo amigo?

– Olá, Verônica. Este é o Tomás. Viemos falar com nossa Mãe.

E, sem mais palavras, a enfermeira parou de frente a Emanuel e, tirando uma pequena toalha do bolso, limpou seu rosto. Tomás estava absorto por acabar de perceber que não havia perguntado o nome do estranho até aquele momento.

A enfermeira se foi e eles voltaram a andar e, no degrau, antes que Tomás percebesse, Emanuel se desequilibrou e caiu novamente. Mas dessa vez a queda foi mais séria. Ele ficou caído, Tomás tentou levantá-lo, mas, vendo que não conseguiria, gritou por ajuda. No mesmo instante várias enfermeiras apareceram e Tomás foi afastado. Algumas delas choravam e Emanuel lhes disse algo, mas Tomás não conseguiu ouvir. Colocaram Emanuel em uma maca e começaram a entrar no hospital. Emanuel se virou buscando Tomás e caiu da maca. Tomás correu em sua direção e pegou sua mão, ajudando a colocá-lo novamente nela. Emanuel fez um gesto para que Tomás se aproximasse e lhe disse algo. A maca partiu a toda velocidade e Tomás só pode notar que retiravam as roupas de Emanuel às pressas.

Tomás não sabia o que fazer e recuou, voltando a sentar-se na cadeira que estava quando conheceu Emanuel. Esticou-se e elevou a cabeça olhando para cima,

agora com as mãos na cabeça. Fechou os olhos...

– Senhor Tomás? Senhor Tomás? – chamava o médico postado à frente dele na recepção.

Tomás voltou aos poucos a si e, recobrando a lucidez, levantou-se.

– Sim, sim – disse Tomás para mostrar que estava alerta – Como está o Emanuel?

– Emanuel? Não sei de quem está falando. Estou com notícias da sua esposa.

– Ah sim, desculpe-me. Depois da correria que aconteceu há pouco quase me esqueci porque estou aqui.

O médico pareceu não entender o que ele estava falando e prosseguiu.

– Sua esposa respondeu bem aos medicamentos na UTI e não precisaremos mantê-la por lá muito mais tempo.

– Mas o senhor havia dito que ela estava em estado crítico...

– Sim, mas ela reagiu bem durante a madrugada e seu quadro mudou.

– Que ótima notícia. Nossa! Que bom mesmo. Obrigado, doutor – O médico assentiu com a cabeça e ia saindo, mas Tomás completou – E quanto ao Emanuel?

– Enfermeira! – chamou o médico pela enfermeira que passava – Temos algum paciente Emanuel?

Ela fez um sinal de negação com a cabeça.

– Ele estava comigo boa parte da madrugada. Com roupas velhas que lembravam um mendigo – disse Tomás se dirigindo diretamente a enfermeira.

– Estive aqui no atendimento a noite toda e, depois das três da manhã até há pouco o senhor estava dormindo na cadeira. Até achamos estranho, pois estava imóvel e é muito difícil se acomodar ali. São muito desconfor-

táveis.

– Mas...

Tomás ia começar a argumentar, mas viu ao longe a imagem de Nossa Senhora Aparecida e parou de falar. O médico e a enfermeira voltaram ao que estavam fazendo. Tomás começou a andar até a imagem. Parou e olhou a imagem por um tempo. Sentiu algo lhe cutucando. Levando a mão ao bolso da blusa retirou um pequeno galho de mirra cujo perfume tomou conta de toda a sala de espera do hospital.

ANDRÉ LUIZ PALHARDI. Mestre em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Cruzeiro do Sul - SP, pós-graduado com MBA Executivo em Gerenciamento de Projetos pela FGV/RJ. Graduado em Tecnologia Mecânica - Modalidade Projetos - pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Tem experiência na área de Educação Superior em Engenharia e Tecnologia e Gestão da Qualidade. Autor de contos e romances, tem diversos textos publicados. É organizador de inúmeros trabalhos literários e membro da Academia Saltense de Letras, ocupando a cadeira número 35, cujo patrono é Aluísio Azevedo. Desde 2014 atua como produtor literário e escritor.



SOB CERTO OLHAR

Anna Osta

Claire tinha uma vida boa e se considerava feliz por isso. O seu aniversário seria no próximo mês e ela esperava reunir toda a família para comemorar os seus 90 anos - filhos, noras e netos viriam de diversas partes do país apenas para estarem com ela. Afinal, não é qualquer um que chega a essa idade, lúcida e ativa, como era o seu caso. Sem falar que ela aniversariava no Valentine's Day! Portanto, a família tinha motivos de sobra para celebrar.

Fechou o livro, que descansava em seu colo, e colocou-o sobre a mesinha lateral. Levantou-se da poltrona firmando as mãos nos apoios de braços e, sem grande esforço, aproximou-se da janela de seu apartamento para espiar o horizonte. Dali, podia contemplar parte do estacionamento de seu condomínio e um trecho do riacho que cortava a floresta de pinus, marginal a toda a extensão da área externa daquele conjunto de prédios, construído especialmente para

pessoas como ela: idosos independentes e autônomos!

Observou que o céu estava carregado de nuvens, porém ainda altas, confirmando a previsão meteorológica de que a nevasca chegaria somente no final da tarde. Suspirou resignada e, ao espirar, as gotículas se condensaram na superfície fria da janela. Qual criança, desenhou um happy face no vidro embaçado e sorriu ao apreciar sua arte.

Naquele ano, o inverno estava bem ameno e seria agradável contemplar os flocos de neve caírem ao entardecer através de sua janela. Os meteorologistas vinham falando sobre isso dias a fio, o que gerara nela um pouco de ansiedade. Estava mais do que preparada para essa tempestade: despensa abastecida, agendamentos com médico e cabeleireira postergados... O som estridente da campainha interrompeu o seu inventário mental e ela apressou-se até a cozinha para olhar a tela do interfone: ah!, a faxineira. “Caramba, tinha esquecido de cancelar a vinda dela”, censurou-se.

Liberou a entrada da jovem no prédio e, na sequência, encheu de água a chaleira e a colocou para ferver, encaminhando-se calmamente até a porta do apartamento:

– Bom dia, Patty!

– Bom dia – respondeu sorrindo a moça, que trazia nos braços um aspirador e um balde cheio de produtos de limpeza. – Desculpa o atraso. Já estão espalhando sal na estrada e o trânsito está bastante lento.

A chaleira chiou no fogão e Claire limitou-se a concordar com um gesto de cabeça, deixando pra lá o desejo de explicar que não era sal o produto que es-

palhavam nos leitos das rodovias, era areia misturada com halita, retornando rapidamente para a cozinha.

– Aceita um chá? – perguntou olhando na direção de Patty, que estava acomodando o cachecol e as luvas nos bolsos do casaco para, em seguida, pendurá-lo em um cabide do closet que fazia as vezes de mudroom naquele pequeno apartamento.

– Quero, sim!

– Chá preto?

– Está ótimo.

Claire preparou duas canecas com saquinhos de Earl Grey, seu chá favorito, e verteu a água fumegante.

– Açúcar ou adoçante?

– Adoçante – respondeu Patty, aproximando-se com hesitação da velhinha de olhos azuis a quem ainda não tinha decifrado como deveria tratar.

Claire estendeu-lhe a caneca e, lentamente, sentou-se em uma cadeira na cozinha, sem saber como disfarçar o desconforto que sentia diante daquela jovem estranha, ainda que muito solícita e simpática, que vinha semanalmente limpar sua casa e lavar sua roupa.

– Então, hoje você precisa ir embora cedo. Se o trânsito já estava ruim a essa hora...

– Ah, a senhora não se preocupe, não. Eu termino a faxina em duas horas. O seu apartamento é facinho de limpar. Tudo arrumado e organizado. Se a senhora visse como são as outras casas que eu limpo por aí!

– Que bom, Patty. Que bom!

– Mas, eu queria dizer pra senhora que em fevereiro eu não poderei vir.

Claire levou alguns segundos para processar aquela informação e responder:

– Ah, sem problemas – fazendo uma anotação mental para não esquecer de anotar em sua agenda, por via das dúvidas.

– É que eu vou viajar para o Brasil, sabe? Para rever minha família e aproveitar o feriado de Carnaval por lá. Queria já avisar a senhora para saber se gostaria que eu enviasse uma amiga para me substituir. É uma pessoa confiável, senhora Claire – acrescentou rapidamente ao perceber a hesitação nos olhos da senhorinha.

– Bom, eu não sei se será necessário...

– A senhora pensa a respeito e me responde na próxima semana. Pode ser assim?

– Sim! Eu aviso você na semana que vem – disse Claire e sorveu um generoso gole de chá enquanto processava aquela informação.

Havia criado quatro filhos sem abrir mão da carreira profissional, graças ao apoio do marido, que sempre dividira com ela os afazeres domésticos. Quando as crianças cresceram, também elas foram gradualmente inseridas nas tarefas do cotidiano e, portanto, cuidar da casa tinha um quê de compromisso e diversão. O seu pensamento voou no tempo e se viu em uma cozinha ampla, rodeada por crianças tagarelas que saboreavam sucrilhos com leite, e alegrou-se com tal lembrança. Mais de meio século a separavam daquela ensolarada manhã de verão, mas tinha a sensação de que o seu coração ainda estava lá.

– Senhora Clarie! – sentiu alguém tocar-lhe o ombro. – Está tudo bem?

Clarie piscou algumas vezes antes de responder:

– Sim, sim! Está tudo bem.

– A senhora não estava me ouvindo? Tem certeza de que está mesmo bem?

– Estou, sim, Patty. O que você estava falando?

Patty olhou atentamente para a senhora, buscando certificar-se de que ela estava mesmo bem, e repetiu a explicação sobre os serviços que executaria no apartamento.

Claire limitou-se a concordar com um gesto de cabeça e sorriu.

A jovem se afastou para dar início à faxina, enquanto Claire finalizava seu chá e, de vez por todas, aterrissava de corpo e alma no momento presente: 19 de janeiro de 2020. Tornou a sentar-se na poltrona da sala e colocou um fone de ouvidos para burlar o ruído do aspirador que em breve invadiria o ambiente. Quando os netos chegaram com esse equipamento, ela protestou veemente em se submeter àquele disparate. Tinha uma excelente audição! Para que usar aquele aparato de ficção científica em sua cabeça? Mas, os garotos estavam tão animados em inseri-la em novos tempos que ela acabou cedendo e hoje era grata por isso.

Um tempo depois, os netos vieram com outra novidade: uma tal de automação residencial. Novamente, ela protestou e quis resistir a essas novas tecnologias. Só que os meninos expuseram por a mais b a conveniência de acender e desligar luzes e aparelhos eletrônicos apenas com o som da voz, sem precisar sair do lugar. Ela cedeu e permitiu-se aprender a lidar com aquele novo equipamento, que atendia

pelo nome de Alexa. Tratava-se, explicaram a grosso modo os garotos, de uma espécie de “cérebro da casa” e integrava, inclusive, o sistema de home theater com tecnologia bluetooth e wireless, fosse lá o que exatamente isso significasse.

Hoje, dois anos depois, Claire não saberia viver sem esse sistema revolucionário de acesso aos inúmeros programas de televisão a cabo e a Internet. Graças a isso, ela também podia conectar-se com toda a família por videochamadas, apenas com um comando de voz:

– Alexa!

Toda vez que fazia isso, lembrava-se de sua falecida irmã, que tinha ficado em êxtase com o surgimento do controle remoto sem fio, em meados da década de 50. “O que diria ela se me visse agora, controlando a programação televisiva com apenas uma palavra de ordem? Welcome to the future!”

Um sorriso enorme abriu-se em seu rosto e ela ordenou:

– Alexa! Ligue a TV, canal NBC Boston – e o programa de notícias local, como em um passe de mágica, apareceu imediatamente em sua tela de 40 polegadas.

Os apresentadores estavam falando de um novo vírus que tinha sido detectado em uma cidade da China, que produzia um tipo de pneumonia e era transmitido de pessoa a pessoa. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a origem do vírus ainda não tinha sido identificada, mas a fonte primária provavelmente era um animal. As autoridades chinesas confirmaram 258 casos na cidade de Wuhan, além de

14 registros em outra província ao Sul do país, mais cinco em Pequim e dois em Xangai.

Claire ficou triste por saber que um vírus tão terrível estava vitimando os chineses e sentiu-se aliviada por essa situação estar do outro lado do mundo, tão distante dela, que não havia motivo para preocupação. Importante mesmo era saber a previsão de nevasca que assolaria Massachusetts nas próximas horas.

ANNA OSTA tomou gosto pelas letras na tranquila Salto, onde nasceu, na franja da Grande São Paulo. Fez Jornalismo na PUC de Campinas e, por algum tempo, exerceu a profissão. Aos 25 anos casou e passou a acompanhar o marido, executivo de multinacional, pela América Latina e Estados Unidos.

De volta ao Brasil com a família, decidiu dedicar-se à literatura. Entre romances, livros infanto-juvenis, antologias, coletâneas e co-autorias, publicou um total de 17 obras. É co-fundadora do Clube do Livro de Salto e membro-fundador da Academia Saltense de Letras - ASLe, da qual foi presidente no período de 2015 a 2020. A sua patronesse é Rachel de Queiroz, que prefaciou seu primeiro romance.



EU SOU

Dimas Siqueira Silva

Acordei naquela manhã de um sono sem sonho, mente exausta, corpo cansado, pensamentos inquietos. Devo ter trabalhado até chegar à exaustão. Levantei-me da cama com muita dificuldade. Corpo trêmulo e dores por toda parte. Olhei para o espelho e a imagem refletida não era a mesma da noite anterior. Olho profundamente nos meus olhos e tudo estava distorcido. Não me reconheço.

Abri a janela do quarto e lá fora os pássaros estavam em suas lindas acrobacias e cantos. Agradei por aquilo. O sol radiava com frescor da manhã. Fechei os olhos e senti-o acariciar minha pele, assim como a brisa matutina. Respirei fundo, expirei e espreguicei-me entrando em comunhão com os albores da manhã.

Fazia dias, semanas, talvez meses que não saía de casa, o mundo estava em frenético delírio midiático sensacionalista e decidi ficar recluso para não me intoxicar com energias densas, todavia não era isso que eu queria para mim. Afastei-me dos meus amigos e paren-

tes, havia me tornado um misantropo sem querer ser. Protelava todas as atividades que me comprometi a realizar, culpava-me muito por esse descaso com coisas de grande importância.

Sempre procurei ser uma pessoa melhor, e não estava sendo, nem comigo nem com ninguém. Ignorando coisas que para mim era o lenitivo da vida em comum.

Decidi ligar para alguns amigos, mas nenhum deles atendeu. Tentei alguns parentes, e nada. Será que eles estão me tratando da mesma forma que outrora eu fazia? Não os culpava por isso. Eu mesmo criei essa situação descabida.

Caminhava de um lado para o outro dentro daquele apartamento de setenta metros quadrados que havia se tornado meu cárcere. Enquanto isso, lá fora, o mundo brilhava com todo o seu esplendor, convidando-me para aventuras inusitadas e desconhecidas.

Tremia de medo, receios...

E se alguém for rude comigo?

E se chover de repente?

E se houver algum acidente na rua?

E se... E se... se...

Eu vivia num conflito angustiante.

Tornei-me meu pior inimigo.

Ah!? Se ela ainda estivesse aqui comigo, mas partiu tão rápido sem dizer um adeus, um até logo, até mesmo um “nos vemos mais tarde”. Ela foi levada de mim de forma injusta, nem deixaram a gente se despedir como gente.

Agentes funerários, agentes de saúde, agentes secretos, e a gente perdido num lampejo desconhecido e solitário.

Será que nos encontraremos novamente?

Uns dizem que sim, outros dizem que não, e há aqueles que diriam “quem sabe”, mas de uma coisa eu tenho certeza: “estou perdido”.

Onde estou? Para onde irei?

Um calafrio subiu pela minha espinha, chegando à garganta, querendo sair num escarro desesperado. Então sucumbi aos impulsos involuntários do corpo. Quando me dei conta, já estava na calçada em frente a uma bombonière. Olhei para a esquerda, para a direita, em frente, para cima, e tudo parecia estranho.

Alguns transeuntes passavam por mim, e eles tinham as mesmas características que eu. Desfocadas, embaçadas, sem cores, minha visão estava turva, entretanto o restante ao meu redor estava perfeitamente limpo, nítido e claro. Olhei para minha imagem refletida num vitral e minhas características eram as mesmas deles. Será um mundo de réplicas. Fui clonado?

Uma pessoa parou diante de mim e disse:

– Namastê.

Fiquei observando-o sem dizer uma palavra

– Tudo bem? – insistiu.

Eu ainda estava perdido em meus devaneios e despreparo diante dessa discrepância.

– Vamos caminhar e vou lhe contando tudo – disse-me suavemente.

Tive que aceitar o passeio sem dizer nada. E fomos caminhando até chegar a um lindo parque florido. Paramos diante de um lago e ele ou ela, não sei dizer ao certo, me explicou o que estava acontecendo. Eu não entendi quase nada. Perguntei onde estávamos, pois, nunca vi aquele parque perto de casa. Ele continuou sua

história e, mesmo assim, não entendia nada. Disse-me:

- Tudo isso aqui é você.
- Como assim? – disse-lhe incrédulo.
- E quem é você? – retruquei.
- Nós somos você – respondeu.

Eu deveria ter ficado na cama, dormido um pouco mais. Sabia que não ia dar certo sair. Todos estão ficando loucos, desvairados e estou perdendo a visão. Pelo menos estou conseguindo ver as belezas naturais que nos cercam, mas as pessoas todas continuavam desfocadas, até mesmo aquele ser andrógino.

Fiquei divagando nos pensamentos. Suponho que estou com estafa. Tenho trabalhado muito ultimamente em home office, e adaptar-se a toda essa nova rotina de vida não tem sido fácil. Ainda mais viver recluso, sozinho, sem minha alma gêmea, minha metade, meu amor, meu tudo. Estava sofrendo uma angustiante solidão. Tentei me desvencilhar dele ou dela. Contudo notei meu nervosismo e desespero diante de tudo aquilo e disse-me:

– Calma, meu amigo, explicamos. Nada nesse Universo e existência está só, tudo está conectado ao Todo. E tudo é uma única coisa. Você se lembra daquela frase “não julgue para não ser julgado” ou “não aponte para não ser apontado”? É, meu querido, à medida que você faz isso, está fazendo a si mesmo – e serenamente continuou a explicação – Todos os seres e coisas existentes estão ligados de uma forma que você vai compreender o que estou querendo dizer. Quando voltar não se esqueça disso e faça valer cada momento de sua vida, pois é através dela que as portas das possibilidades se abrem, não fique no silencioso abismo que leva à morte.

Fiquei sem entender nada e, ao passar as horas, as coisas estavam ficando cada vez mais confusas. Sei que, depois de um tempo, espirecendo com alguns goles de vinho, tudo ficaria mais claro. Continuou me falando sobre a não existência de algumas coisas, como o tempo, o certo e o errado, não sei ao certo do que se tratava, estava começando a me sentir estranho, confuso e uma sensação análoga a um mal-estar psicológico causado por todo aquele discurso deixou-me inebriado.

Tudo começou a girar num lampejo inesperado. Caí, mas não no chão.

Pensei estar sonhando em meio a toda aquela confusão surreal, de uma realidade desconhecida. Agarrei a única coisa que vi naquele momento, um cordão de prata que saía de minha barriga. Escutei uma voz que dizia:

– Solte, desapegue dessas amarras.

Fechei os olhos e deixei-me ser levado pelo acaso.

Senti alguém segurando minha mão e ela estava molhada de lágrimas. Ao abrir os olhos, vi minha frágil mãe sentada ao meu lado, naquele leito hospitalar.

Como fui parar lá?

Do outro lado, alguém repousava suavemente a mão sobre minha cabeça. Não conseguia ver nitidamente quem era, mas se assemelhava àquela forma que me acompanhou em sonho ou viagem astral.

Com um pouco de esforço consegui balbuciar:

– Mãe?

Ela levantou a cabeça em lágrimas dizendo:

– Ele atendeu as minhas preces. Você me deu um susto, filho.

Não consegui falar, pois ainda estava debilitado.

– Tudo vai ficar bem agora – disse minha mãe com

a certeza de que o pior já havia passado.

Olhei para o lado e aquele que estava ali já não se encontrava mais.

Meus pensamentos ainda estavam confusos, mas sabia que as respostas viriam. Cedo ou tarde elas se revelariam para mim e para todos nós.

DIMAS SIQUEIRA SILVA é membro da Academia Saltense de Letras desde novembro de 2019, cadeira número 32, cujo patrono é Vinicius de Moraes.

Formado em Letras - Língua Portuguesa e Inglês, leciona na E.E. Joseano Costa Pinto, em Salto.

É autor dos livros: “O Berçário das Almas - O Gótico” e “Sigilo de Lúcifer”.



A MENINA DO CASARÃO BRANCO

Eloy de Oliveira

Após oito meses de confinamento por causa da pandemia do Coronavírus, era a primeira vez que Elias Mattoso saía à rua.

Decidira depois que o número de internações e de mortes começou a cair.

Ainda temia a contaminação, mas se paramentara com máscara, luva e álcool em gel.

Não sabia muito aonde ir.

Era sair por sair, para sentir a liberdade de novo, para se sentir vivo ainda.

Com 38 anos, ainda solteiro, ele achava que esse dia nunca mais chegaria.

Quando a pandemia começou, fora demitido e recebera uma indenização. Doze anos de trabalho no mesmo lugar viraram pó. Nem tivera tempo de gastar o dinheiro. O confinamento matara os sonhos.

Agora queria aproveitar a redução de casos para viver e se divertir com aquele dinheiro. Não sabia como, mas descobriria ainda.

Puxou o ar profundamente.

Sentiu o frescor de lavanda da máscara.

Caminhou até um bar.

Entrou, sentou-se e pediu uma vodka.

Há quanto tempo não tomava uma vodka no bar.

Que sensação diferente. Parecia que saíra da prisão. Estava saboreando a dose.

Até fechou os olhos para sentir o gosto.

Quando os abriu novamente, viu aquela menina.

Devia ter uns 16 anos. Usava um vestido curto. Tinha o rosto machucado.

– Moço, o senhor pode me ajudar?

– Eu?

– Sim, perdi meus pais por causa da Covid. Não tenho trabalho. Preciso comer.

Elias Mattoso ficou sensibilizado.

– Quantos anos tem?

– Fiz 18 sexta-feira.

Ele tirou dez reais da carteira e lhe deu.

– O senhor não consegue uma cesta básica?

– Não, eu não tenho como.

– Está bem. Se conseguir, esse é o meu endereço.

Por favor, não esqueça de mim.

A menina se foi e ele ficou com o endereço nas mãos. A situação o incomodou. Teve pena.

Levantou-se do bar, foi até um supermercado, comprou uma cesta e foi levar.

Era um casarão branco de dois andares.

Elias Mattoso pensou que a menina morava bem, apesar de estar mendigando.

Depois leu no papel do endereço e entendeu. Ela morava nos fundos do casarão.

Ele bateu.

A menina apareceu com outro vestido curto.

– Trouxe a cesta – ele disse.

O brilho nos olhos dela ficou evidente.

– Entre, moço. Entre. É por aqui.

Ele a seguiu por um corredor comprido até chegar aos fundos: dois cômodos, um banheiro.

– Quer uma água?

– Não, obrigado.

Elias Mattoso já ia se retirar, ela correu em sua direção e o abraçou forte, sem dar a ele chance de se desvencilhar. O corpo dela estava quente. Tanto tempo sem ver a rua, ele estava carente e gostou do calor do corpo dela. Abraçou-a também com energia.

– Não sei como agradecer moço.

– Não precisa. Esse abraço já está bom.

– Tudo que eu tenho sou eu mesma.

– O que quer dizer?

– Que só posso agradecer com meu corpo.

– Não, isso é errado. Não precisa agradecer. O abraço já está bom. Eu já vou indo.

– Tem certeza? – ela disse, erguendo o vestido.

Elias Mattoso sabia que não devia, mas sentiu-se excitado com o gesto.

Olhou-a demoradamente.

Antes que pensasse melhor, ela o pegou pela mão e o levou ao quarto.

– Preciso falar duas coisas antes – ela disse.

– O que é?

– Eu sou virgem.

– O quê?

– Sim, nunca fiz nada.

A revelação deixou Elias Mattoso mais excitado ainda. Agora já não achava errado.

– E a outra coisa? – ele perguntou.

– Eu não tenho camisinha.

Já essa revelação quebrou a excitação.

Ele ficou temeroso.

Ao perceber, a menina começou a tocá-lo.

Tanto tempo sem ir à rua, dane-se a camisinha – ele pensou e partiu para cima dela.

Durante o ato, ela chorou, mas insistiu para que ele não parasse e nem ele queria.

Ficou encantado com ela.

Tinha uma carinha pura e aquela situação toda indefesa, mais o fato de ser virgem.

– Olha, toma aqui. Você tem pix?

– Sim – ela disse.

Ele transferiu cento e cinquenta reais para a conta que ela forneceu, pediu uma caneta e escreveu o número do seu telefone.

Ela tinha um celular velhinho na mão.

– Esse seu telefone funciona?

– Sim, quer ver?

Apontou para ele como se fosse tirar fotos.

– Então me ligue se precisar.

Nem bem chegou em casa, o telefone tocou.

– Moço, sou eu.

– O que aconteceu?

– Nem sei como contar.

Ela chorava e parecia nervosa.

– O que aconteceu?

– Eu fui estuprada agora.

– Como assim?

– Minha vida está uma merda. Eu estava muito triste. Então comprei uma vodka. Estava tomando na

pracinha aqui perto.

– Sim, e daí?

– Apareceu um homem de carro pedindo informação. Fui até o carro. Não sei. Eu não vi, mas acho que ele colocou alguma coisa no copo. Depois que dei a informação, ele foi embora. Eu tomei o resto da vodka e comecei a ficar zozza. Tudo ficou embaçando. Aí eu vi que ele tinha só dado a volta na praça. Passou perto de mim de novo, me pegou e me colocou no carro. Depois saiu rapidamente.

– Para onde ele te levou?

– Para um motel.

– Você desmaiou? Ele te machucou? Como você está? Onde você está?

– Não, ele não me machucou. Está doendo muito só. Eu não desmaiei. Fiquei sem reação. Eu queria gritar, escapar, não dava.

– E o que aconteceu?

– Tudo.

– Ele usou camisinha?

– Não.

– Onde está agora?

– Em casa. Ele me deixou na pracinha.

– Você precisa ir ao hospital. Precisa fazer exames. Tomar pílula do dia seguinte.

– Como? Não consigo.

– Eu vou te levar.

Elias Mattoso aguardava na recepção, quando um policial se colocou na sua frente.

– O senhor é quem está com a Evelyn?

– Não sei. Na verdade, não sei o nome dela. Eu a trouxe, porque ela foi agredida.

- O nome da menor é Evelyn.
- Menor? Disse que tinha 18. Como ela está?
- Recuperando-se. O senhor precisa nos acompanhar. Disse mostrando outro policial.
- Acompanhar por quê?
- Para o depoimento. O senhor está preso.
- Oi? Como assim? Por que preso?
- Por estupro de vulnerável.
- Que estupro? Eu socorri a menina. Ela sofreu estupro, sim, mas não fui eu.
- Não é o que ela diz.
- Como assim? O que ela disse? Deixa que eu vou conversar com ela. Tem algo errado aí.

Elias Mattoso começou a caminhar para a porta de entrada do atendimento do hospital. Os policiais o seguraram. Ele fez menção de reagir. Levou socos, foi dominado e algemado.

- Existe algum engano nisso, delegado. Eu não fiz nada com ela. Eu a socorri.
- O sêmen encontrado no corpo dela foi para exame. Também foram colhidas amostras de pele que podem ser do senhor. Vamos saber se o senhor tem culpa ou não depois disso. Mas o senhor pode confessar e nos poupar desse transtorno. Não tem como fugir agora.
- Eu não a estuproei.
- Ela disse que o senhor colocou alguma coisa na bebida dela. Depois a levou a um motel. Ainda deu dinheiro a ela, transferindo pelo pix. Ela fez a foto do seu carro e do senhor.

Elias Mattoso começou a lembrar enquanto o delegado falava de que ela estava com o celular na mão durante a conversa.

Mas ele não a estuprara.

Não era possível que ela tivesse inventado tudo aquilo do estupro ou armado aquela transa com ele... ou será que era?

Até saírem os exames, Elias Mattoso foi transferido para um Centro de Detenção Provisória e ficou em uma cela sozinho.

Na mesma noite, invadiram a sua cela.

Eram dois homens. Eles queriam abusar sexualmente dele. Enquanto um segurava, o outro começou a rasgar a sua roupa.

Em poucos minutos, apesar de toda a sua luta, ele já estava nu e acabou agredido.

O carcereiro o encontrou ensanguentado.

Estava bastante ferido.

Teve de ser levado ao hospital.

Dois dias depois os exames confirmaram que o sêmen e os pedaços de pele encontrados no corpo da menina eram dele realmente.

Ela alegou que Elias Mattoso a agrediu para forçar a relação, tendo machucado o seu rosto.

Disse que fez barbaridades e que não parava mesmo ela chorando e implorando.

Ao ouvir as declarações e passar por acareação com Evelyn, Elias Mattoso achou que estivesse vivendo um pesadelo inimaginável.

Um ano depois da sua prisão, Elias Mattoso ainda não tinha sido levado a julgamento e recebeu a visita na cadeia de um advogado.

– Sou o doutor Osmar.

- Não o conheço. Por que está aqui?
- Para soltá-lo. As acusações podem ser contestadas. Eu consigo fazer isso.
- Não tem como. Eu realmente transei com ela. Mas não a estupro. Tentei ajudá-la só.
- Eu sei, mas posso reverter isso.
- E quanto vai me custar?
- Nós acertamos depois que você sair.
- Só depois?
- Só. Essa é a sua garantia de que consigo lhe tirar daqui. Topa ou não quer sair?
- É claro que quero.

Quase um mês mais e o advogado conseguiu a liberdade provisória de Elias Mattoso.

Praticamente todo o dinheiro que ele tinha no banco foi usado para pagar o advogado.

Inconformado, Elias Mattoso foi outra vez ao casamento branco para tirar satisfações com Evelyn. Ela deveria ter uma razão para ter feito tudo aquilo com ele. Sua vontade era de socá-la até a morte, mas prometeu a si que não faria.

Ao bater, ela olhou do fundo do corredor e gritou que fosse embora.

Ele disse que invadiria se ela não abrisse.

- O que você quer?
- Que me diga por que fez isso?
- Por dinheiro –, ela disse.
- Como assim? Eu estava te ajudando. Como pode ser tão cruel? – ele a segurou pelo pescoço.
- Você está me machucando.
- Eu devia te matar.

Ele apertou o pescoço dela com mais força, mas

depois parou de repente e a soltou.

Elias Mattoso se levantou e foi em direção à porta para ir embora dali.

Então ela disse:

– Foi o gerente.

– O quê?

– Foi o gerente do banco quem armou tudo isso. O gerente do seu banco.

– O que está me dizendo?

– Isso mesmo. Esse casarão é dele e do advogado que o soltou. Meus pais deviam ao banco. Eles vieram aqui muitas vezes. Iam me expulsar. Aí pediram para procurá-lo.

A vontade de matar agora se transferira para o gerente e o advogado e era para lá que ele ia.

– Moço, eu continuo precisando de ajuda.

– Vá à merda – ele disse.

ELOY DE OLIVEIRA é escritor, consultor literário e professor de escrita criativa, além de roteirista, jornalista com especialização em gestão de crise, consultor e gestor de marketing político, corporativo e esportivo. Desde 2015 ocupa a cadeira 31 da Academia Saltense de Letras, cujo patrono é João Cabral de Mello Neto. Seu último livro é “A última noite de Helena”, romance policial, de 2020. É autor, sozinho ou em parceria, de outros 12 livros de poesias, crônicas, contos e ensaios.

Em 2020, foi um dos vencedores do concurso do Clube de Autores que resultou no livro “Crônicas da Quarentena”. Cedeu os direitos de publicação para ajudar o programa “Missão Covid”, uma plataforma criada para unir pacientes e médicos por meio da telemedicina. Veja mais no link: linktr.ee/escritoreloy



A TAPEÇARIA

Francisco Carlos Garcia

Considerando que, “A história sempre se repete”, apesar dos conhecimentos e facilidades do século XXI, a Covid-19 será mais uma dessas tragédias, com mortes em larga escala, na história do homem. Fatos como esse, só reforçam que sempre buscamos “iluminar a mina escura e funda, o trem de nossas vidas” Foi assim, tendo como pano de fundo a Peste Negra que, este texto nasceu, um ensaio de livre reflexão, a partir de fatos reais. Buscou-se mostrar que desinformação, ignorância e sobretudo polarização sempre estiveram na ordem do dia da humanidade.

O antiquário ficava num casarão, uma mansão aristocrática e centenária em estilo rococó, bem adequada a abrigar raridades. Mesmo deteriorada, seus detalhes foscos ainda lembravam dias gloriosos de um passado dourado-brilhante. Decorações em relevo da fachada, como curvas, laços, balaústres e flores integravam-se à porta de carvalho lavrado. Janelas grandiosas de molduras im-

ponentes prometiam o que abrigava: objetos antigos. Por mais calor que fosse lá fora, seu interior era sempre fresco e silencioso. Exalava baús de sacristia. O forro trabalhado com recortes e reentrâncias combinava com o assoalho, parecendo um tapete de madeiras nobres.

Era lá pelas dez, dez e meia, quando ele chegou, subiu os degraus e entrou. Com aparência de um frequentador habitual, tinha cabelos prateados e rugas no rosto de quem já passou dos 80. Professor aposentado, uma barba à Machado de Assis lhe conferia uma dignidade corroborada no summa cum laude do anel pela Universidade de Bolonha. Tal como a juventude que ficara no passado, assim se vestia; um terno elegante de corte antigo, sapatos em cromo alemão, um par de óculos minúsculos sem aro. No colete, pendia um relógio de colecionadores. Completando sua dignidade, carregava uma bengala de cabo madrepérola com a letra “C” dourada.

Assim ele chegou numa sala imponente onde, entre tique-taques de relógios, sobressaía um carrilhão. Num aparador mais à frente um zelador de seus 60, com dignidade de violinista, espanava (ou talvez espalhasse!) a poeira dos objetos.

– Bom dia, senhor Hermógenes, cumprimentou-lhe o professor. O zelador, absorto no trabalho, voltou-se e, ao reconhecê-lo, respondeu alegre...

– Olá, doutor Caldas, bom dia! Seja bem-vindo! O senhor andou sumido!

– Verdade, estive na Europa. A Covid prolongou em dois anos uma programação de pouco mais de dois meses, mas agora estou de volta e feliz em revê-lo!

O visitante passou, então, a olhar tudo a sua volta. Buscava novidades nos mobiliários, relógios, porcela-

nas, galheteiros, castiçais, sopeiras, ferros de passar antigos. Como um habitué olhava sem pressa gramofones, caixinhas de música, telefones, máquinas de costura, espelhos trabalhados, lampiões, esculturas em bronze, torradores de café e outros. Atentou-se, então, às peças de prata ora cuidadas pelo zelador: baixelas, travessas, talhares, taças. Percebendo aquele olhar, Hermógenes lhe disse:

– Recebemos há pouco essas raridades alemãs, professor. Confiscadas por nazistas na guerra foram recuperadas, devolvidas aos herdeiros e agora estão aqui. O visitante assentiu sem maior interesse e voltou-se para uma tapeçaria ocupando quase toda parede. Aproximou-se.

– Esta peça sempre me intrigou, senhor Hermógenes. A cena representada nunca me pareceu estranha!

– De minha parte, disse o outro, só sei que é velha, cheia de traças e está aí desde sempre. Ninguém até hoje perguntou sobre ela. O senhor descobriu algo?

– Como disse, não me era estranha. Andei pesquisando. Descobri tratar-se de uma cópia; o original é uma iluminura, menor que uma folha de caderno, de antes de Gutemberg, quando livros e ilustrações eram feitos por copistas. Falei com um amigo pesquisador que me disponibilizou um alfarrábio raro que possuía. Conversamos longamente e, juntos, resgatamos essa história.

Como o antiquário estava vazio e Hermógenes percebeu que o assunto prometia, providenciou duas poltronas para que se acomodassem.

Como esclarecimento, segue breve descrição da apresentação que ambos viam na tapeçaria: uma caçada. Dois homens com cães, mantêm um gato encurralado

numa árvore. À esquerda, um deles, segura um cajado e, na outra mão, uma corneta de chifre, que sopra. Estimulados, os cães ladram e pulam assediando um gato que se agarra como pode ao tronco de uma pequena árvore. Do dorso do animal, já trespassado por uma flecha, verte sangue. Certamente não resistirá muito tempo uma vez que, à direita, outros dois caçadores preparam-se para disparar novas setas.

A cena tem qualidade artística sofrível. Os traços infantis são agravados por ser uma grande ampliação. A pobreza se acentua ao fundo, onde árvores planas se fundem com um céu azul, o mesmo azul do chão. O pretensioso drama da tapeçaria deixa a desejar. A iluminura não oferece noção de distância ou proporção: os cães têm quase o tamanho dos homens; já o gato ferido, além de um inexpressivo rosto humano, é maior que todos os representados. É isso que se vê!



Fonte:
Imagem
original do
Getty Museum,
Los Angeles/
EUA

Uma vez acomodados, o professor pôs-se a falar. Explicou que muitos atribuíam o desenho ao ponto de partida da Peste Negra e por culpa de um papa. Aqui já lhe adianto: trata-se de um boato. Na época nada se sabia da doença, a não ser que matava! No livro Decameron, o poeta florentino Boccaccio (1313-1375) escreveu que, fosse quem fosse, pessoas acometidas apresentavam um sinal evidente de morte inevitável: sangramento pelo nariz. Ele registrou também que - o populacho chamava de “bubões” - inchações que surgiam em virilhas ou axilas. Elas cresciam ao tamanho de um ovo ou maçãs.

– O certo – disse o professor – é que, entre a pintura e o surgimento da peste, foram 120 anos. E mais, só bem depois que ela se extinguiu, os reais culpados foram determinados: pulgas de ratos, cachorros, doninhas, cobras ou certos pássaros.

– Nossa, nunca ouvi isso. Continue, por favor...

– Bem, genoveses estavam em guerra com mongóis. Eles foram os primeiros a verem muçulmanos morrendo com manchas escuras na pele; por sinal vem daí o nome “peste negra”. Eles não sabiam o que estava acontecendo, mas atribuíam às mortes horríveis como sendo justiça divina. Nesse mesmo tempo, bem mais distantes, mercadores da rota da seda, também infectados, propagavam a peste a partir do Extremo Oriente.

Ora, terminada a guerra, genoveses voltando para casa trouxeram nos navios ratos hospedeiros de pulgas, estas, sim, transmissoras da doença. Genoveses ou mercadores, não sabendo disso, involuntariamente recrudesceram tudo e, em efeito dominó, disseminaram a praga pelos portos de Veneza, Barcelona, Valência. Perceba que, além de não se saberem a causa da doença, regiões não católicas do Oriente também viviam o proble-

ma. Como relacionar, então, essa peste com fanatismo católico de uma pintura do século anterior?!

– Isso eu que lhe pergunto, professor? Esse gato sendo morto... que relação tem relação com um papa?

– Vamos lá! Voltemos a 125 anos antes da peste. Em 1230, o papa Gregório IX promulgou e enviou a bula apostólica *Vox In Roma*. Bula é um documento da Igreja, com um lacre, conferindo autenticidade e autoridade papal a temas de fé ou concessão de graças. A peste, que durou seis anos (1346 a 1352), é bem anterior à bula, que foi enviada para dois líderes na Alemanha: o Imperador Frederico II e o Arcebispo de Mainz. O pontífice pedia providências deles, como líderes, contra uma adoração demoníaca que grassava. Lembre-se, Hermógenes, estamos na Idade Média, também conhecida por Idade das Trevas, opondo-se a dias futuros das luzes do Renascimento. Por ignorância ou má-fé, a partir dessa tela, passou-se culpar o Papa pela matança de todos gatos, “animais demoníacos”, propagavam uma legítima fake news da Idade Média. Aliás, não é de hoje que, como na música onde se “atira o pau no gato para vê-lo berrar”, muitos “atiram o pau no Papa” só para culpá-lo pelo berro do gato.

E prosseguiu:

– Gatos sempre estiveram no mundo, Hermógenes. Eram paparicados no Egito antigo, foram incorporados pelos gregos, difundidos pelos romanos e assim segue. Em tempos de comida escassa, gozavam de privilégios a ponto de ovelhas serem trocadas por eles. Seria ridículo dizer que eles impediriam a Peste. Na verdade, guerra de boatos, informações e paixões sempre existiram. O efeito cascata dos boatos lembram a história do bambu; é fácil quebrar uma única vara, mas se juntarmos muitas

delas, nem se consegue dobrá-las!

Resumindo: uma pintura de autor desconhecido, retratando pessoas que mais parecem moleques endiabrados maltratando um gato; um documento papal anterior e sem relação com os fatos; acrescente-se falta de higiene, desinformação, má-fé e chegamos nessa história capenga que atribui à pintura a origem da peste.

Tudo cai por terra por não se saber nada da doença na época, de como se contraía ou propagava. Nunca houve registros pela Europa de outro documento papal ordenando extermínio de gatos, só essa bula, firme e clara, específica contra abusos de fé. Ele não demonizou gatos, alertou, sim, contra práticas satânicas com rituais em altares onde havia estátuas de animais. Entre elas, um único e mísero gato preto, este, sim, textualmente citado!

– É isso, Hermógenes, os homens e suas paixões são sempre iguais, só muda a época!

FRANCISCO CARLOS GARCIA é saltense de 67 anos, graduado em Administração, com Mestrado em Gestão Estratégica de Negócios. Atuou 50 anos na iniciativa privada, acumulando também 20 anos como professor de Ensino Superior. É membro fundador da Academia Saltense de Letras desde 2008, ocupando a cadeira de número 13, cujo patrono é Monteiro Lobato.



CAIPIRA PIRAPUNK

Jean-Frédéric Pluinage

Os raios de sol apareciam suavemente pelas frestas da janela de madeira, acompanhados do piar dos pássaros e um vagaroso canto do galo. O cheiro de terra ainda era forte, resultante da chuva intensa de madrugada. As paredes de taipa de pilão revelavam decorações diversas conforme a luz invadia o local: um pequeno oratório, quadros amarelados de uma família em trajes formais, cadeiras e cestos com palha de taboa. O cenário bucólico se completava com a figura humana que testemunhava todas estas sensações conforme acordava. Mary se espreguiçou lentamente e, com um pequeno comando verbal, ordenou:

– Alexa, desligue a simulação.

As luzes da janela, junto com os sons e cheiros do quarto deram lugar a outras sensações, essas mais verdadeiras. As paredes de pau-a-pique sumiram, trocadas por enormes janelas transparentes, que mostravam uma paisagem de arranha-céus, drones, carros voadores e hologramas publicitários. E no fundo, bem lá no fundo desse panorama cibernético, uma espécie de linha reta

vertical, um fino risco prateado que ia do chão até o céu. Um dia novo estava começando em Itu.

Dia novo em folha. Robôs-coletores zarpavam pelas ruas, limpando as últimas lembranças da festa de véspera de ano-novo. Mary se levantou e olhou com sono o anúncio em neon gigante no maior prédio da cidade, que fazia seu rosto mudar de cor conforme piscava... “Feliz 3030!” era a sua mensagem em tons alternativamente rosa-choque e verde-limão.

Um rápido café com bolo de fubá — tudo pronto e feito antes dela acordar. Novas ordens para a inteligência artificial da casa:

– Deixe mingau de milho verde com cambuquira bem quente para quando eu chegar.

Um último afago no cão-robô e Mary já estava nas ruas, indo em direção à inauguração do novo trem espacial.

– Alexa, qual o caminho mais rápido?

De repente, a rua em que estava foi tomada de flechas; era o sistema de realidade aumentada de suas lentes de contato, sobrepondo informações digitais à sua visão da realidade. “Ah, ótimo! Só dez minutos até a Praça da Matriz!”. E ela atravessou a rua sem olhar para os lados, afinal os carros agora só ocupavam os céus.

Passos largos levavam a jovem em direção até a linha prateada que dividia o céu ituano. O primeiro trem espacial do interior paulista, conectando a cidade ao espaço sideral. Um canudo apontado em direção ao céu, cujos trilhos instalados nas paredes internas podem disparar uma cápsula tripulada em direção a qualquer colônia espacial na Lua ou em Marte. Como era comum entre os ituanos, houve uma disputa sobre o nome da maravilha tecnológica. Os mais jocosos já espalhavam a

chegada do “canudão de Itu”, mas o prefeito achou melhor ser mais formal e iria batizar hoje a máquina de “trem da vida”.

– Mas quanta gente! – Mary exclamou.

Saltenses, indaiatubanos e toda a imprensa transplanetária devia estar ali. Seu tio marciano já tinha dito que iria acompanhar o evento pelo radinho holográfico. A sua outra tia, a lunática, também. Ela não se lembrava de quando havia tanta gente junta assim, com tanta alegria e festa. Isso a lembrou de um fato estranho na sua época de escola, quando brincava em um ambiente virtual de História... Estava numa Itu colonial, e Mary deixou a professora falando para chutar a canela de um bandeirante, o bigodudo gritava de dor enquanto sua imagem era substituída por um homem com terno e chapéu.

– Por favor, minha jovem, onde fica a Casa do Barão? – disse o novo personagem em um novo cenário.

Mais um chute, mais uma lamúria e ele foi logo substituído por... nada?

Ruas quase vazias surgiram ao redor de Mary, nenhum personagem para interagir.

“Ah, a professora havia falado desse período... era preciso evitar aglomerações.” Sim, isso foi antes da popularização do computador quântico, de código trinário, que podia calcular a cura de qualquer doença em questão de segundos. Bem, para ser mais honesto, em milionésimos de segundo. As dores do passado estavam guardadas nas aulas digitais de História para não serem esquecidas — os horrores da colonização, as guerras, as pandemias. Mas hoje... Hoje era um dia de esperança.

O prefeito acenou para todos diante do palanque instalado entre a enorme linha vertical e o Orelhão de

Itu, com a Igreja Matriz ao fundo. Aquele bizarro orelhão era uma antiga relíquia do passado que a cidade manteve ali na praça, talvez por pura curiosidade, mas que parecia ironicamente uma obra nanica diante dos arranha-céus e daquela enorme coluna de ferro que alcançava as estrelas.

– Começamos um dia em ano iluminado para nossa Itu! Hoje inauguramos o trem da vida! – disse o prefeito com sua voz metálica.

Era o primeiro prefeito robô da cidade, um feito incrível dado que a cidade era um pouco conservadora nestes assuntos cibernéticos. Salto, por exemplo, já tinha robotizado toda sua Câmara de vereadores, e Brasília era praticamente uma fábrica.

– A tripulação já está preparada para a decolagem e, como prometido, um de vocês irá decolar para Marte assim que fizermos nosso sorteio!

Ah! Mary tinha até se registrado quando visitou a página do evento, mas sabia que conseguir viajar para o espaço era praticamente impossível...

MARIA APARECIDA. Assim, do nada, em letras holográficas de neon acima da Igreja Matriz: MARIA APARECIDA. Mary palpitou de tanto susto. Seu nome de batismo estava ali no céu, embora usasse, como a maioria dos jovens ituanos e saltenses, uma versão alternativa para as redes sociais. Ela havia sido sorteada? Será? A não ser que houvesse uma homônima...

Funcionários sorridentes surgiram ao seu redor, logo a levaram para o palanque onde recebeu um aperto de mão efusivo do prefeito-robô.

– Espero que não tenha medo de altura... – ele disse, com uma leve risada.

A inteligência artificial já permitia o uso de humor,

mas muitos robôs precisavam atualizar seus níveis de ironia. Mary olhou para a plateia em festa e abriu um sorriso. Por que não?

E então, tudo avançou como em um sonho utópico... Junto com uma equipe de astronautas, vestindo um macacão, Mary apertou os cintos, fez uma oração e se segurou fortemente em seu assento. O enorme visor da cápsula revelava a todos as paredes e trilhos brancos do trem espacial. De repente, uma enorme pressão a empurrou para o encosto de seu assento. Frio e medo pareciam querer dominá-la, mas ela era uma caipira forte, uma caipira punk, arretada mesmo. E então a pressão sumiu e as paredes brancas deram lugar a um céu espacial — cada estrela um sol a iluminar o trem da vida e a pequena nave que saía dele. Com um leve impulso a cápsula iniciou seu trajeto para um futuro brilhante.

* * * * *

Pequeno epílogo

– Como assim há rebeldes que passaram nesta cidade querendo derrubar o governo? Nós sempre sabemos de tudo! Como eles escaparam de nós? – perguntou o prefeito-robô para seu também robótico delegado.

– Meus cálculos indicam que eles já estão longe daqui, até mesmo deste planeta! Eles aproveitaram toda a festa da inauguração do trem da vida para chegarem em nossa cidade sorrateiramente e, no dia seguinte, realizaram uma reunião secreta, bem debaixo de nossas barbas! Isto é, se tivéssemos barbas... – respondeu a máquina imberbe.

O prefeito, assustado, consultou seus chips de me-

mória histórica... Artigos sobre uma ligação entre Salto e Itu por meio de obsoletos objetos metálicos surgiram diante de seus visores.

– Raios e lasers! Tem coisas desses tais caipiras que nunca mudam!

JEAN-FRÉDÉRIC PLUVINAGE é mestre em Divulgação Científica e Cultural pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Unicamp. Possui graduação em Jornalismo pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (Ceunsp) e graduação em Design Gráfico no Centro Universitário Senac.

É diretor da editora saltense FoxTablet e publica livros, jornais, revistas e ebooks.

Foi jurado em 2015, 2016 e 2017 no Prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do Brasil, na categoria “Livros Infantis Digitais”.

Em 2017, tornou-se membro da Academia Ituana de Letras (Acadil), e, em 2018, da Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro (ANLPPB) e da Academia Saltense de Letras (ASLe), na qual ocupa a cadeira 26, cujo patrono é o filósofo Sócrates.



VILARINHO

Katia Auvray

– A GALINHA FUGIU! – gritou o Magrão.

– Num deixa ela fugí! – ordenou a aflita Maria. A criançada saiu às carreiras atrás da bicha, que teimava em mudar de rumo. Saltava, batia as asas e voava um tanto. Ia para a esquerda, voltava pela direita e andava em círculos, cacarejando sem parar.

A barulheira era ensurdecadora.

– Pega! Pega!

– Ali!

– Lá!

Num esforço supremo, a galinha foi parar num galho de árvore. Aí é que a coisa piorou, com a molecada subindo pelo tronco e escorregando uns por cima dos outros, até que Pedrinho, num único salto, agarrou a pobre.

Peguei! – gritou eufórico, levando a penosa para seu destino: o facão da Maria.

Com o caso resolvido, a agitação continuava. As mulheres varriam o terreiro com vassouras de palha e jogavam água na terra batida para segurar o pó. As crian-

ças ralavam milho para o curau, enquanto a Maria mexia o panelão da canjica, que já soltava seu doce perfume.

Era o casamento da Néia e do Zé, que haviam ido com os padrinhos à cidade próxima para assinar os papéis. O padre Ângelo iria à tarde para abençoar a união e ficaria para a festa, é claro.

Era preciso arrumar um altar para a ocasião.

– Quem tem uma toaia grande pra mesa do padre?
– perguntou Maria.

– A minha é pequena... – lamentou Dita.

– A que eu tenho num é branca – disse Ciça.

– Num faiz mal. A gente juntamo as duas e fica bonito depois que ponhá as flor em cima delas – resolveu Maria.

Os homens carregavam os bancos para fora e traziam mais lenha para o fogão. Seria uma festança com muita comida, cachaça e viola.

Parentes, vizinhos e amigos de vida e de trabalho aglomeravam-se para o casamento de Néia, a quarta filha de Magrão e Maria.

* * * * *

O tempo passa rápido em Vilarinho, povoado de um punhado de habitantes. As sementes fecundadas brotam do útero da Terra, assim como no das mulheres, embuchadas a cada ano, como a Néia, já no segundo filho. Os homens tocam a enxada de sol a sol. Elas cozinham, limpam e lavam as roupas na beira do rio.

Trabalho sobra para todos, incluindo as crianças, que depois da escola colhem os frutos maduros e os colocam em grandes sacos. Também não falta tempo para brincar nas horas livres.

Foi num fim de tarde que o Chico perguntou:

- Cês têm ouvido os grilo?
 - Grilo? – falou alguém.
 - É... Faz umas par de noite que não iscuito eles – disse o Chico.
 - Sei não... Deve de tá por aí... – concluiu o Magrão.
- Em volta da fogueira e entre as rodadas de cachaça, ninguém mais se lembrou do assunto nem percebeu o silêncio chegar.

* * * * *

O dia acorda cedo no povoado. Néia canta e lava roupas junto com as outras. A trouxa na cabeça arca-lhe as costas, que se dobram sobre o rio. A mão calosa agarra o sabão áspero, de areia e banha. Esfrega, bate, enxágua e torce; esfrega, bate, enxágua e torce, tudo acompanhado das canções que espantam o cansaço.

Foi naquela manhã que a Jéssi chamou a atenção das mulheres:

– O queque é aquilo lá? – perguntou, apontando o dedo para a outra margem, bem no lugar em que o rio fazia um pequeno recuo.

– Parece peixe, um monte deles – respondeu Néia, colocando a mão em concha para rebater o sol e ver melhor.

E era mesmo. Centenas de peixes mortos, de todos os tamanhos, se acumulavam no local. E vinham descendo muitos mais.

A falação foi coletiva. Todas palpitavam sobre o motivo de tamanha mortandade, e ninguém se entendia. Na hora da janta, esse foi o assunto principal nas casas.

– Deve di sê uma fábrica lá longe que despejou os veneno deles – falou Zé.

– Nada! Só pode sê castigo de Deus – retrucou Magrão.

– Que bobagem é essa? – intrometeu-se Maria – Castigo pru quê?

– Ora, muié. Para com isso de ficá bradando contra Deus. Ele sabe o que faz – insistiu Magrão. Lembra do que o padre falô daquelas praga?

Foram muitas as ideias e nenhuma concordância, que nada disso era preciso para a morte dos peixes.

Nos dias seguintes, montanhas deles chegavam às margens do rio, e o sol do verão fazia a sua parte. Um cheiro pestilento tomou conta do ar. Por mais que recolhessem e enterrassem, outros peixes vinham em quantidades cada vez maiores.

Os pássaros silenciaram e se tornou comum ver seus pequenos corpos caídos na terra. O sol se escondeu e os dias se tornaram frios e cinza. Os homens foram tomados de um cansaço incomum e, aos poucos, sumiram suas forças para trabalhar a terra. As mulheres emudeceram os cantos, e as crianças já não mais corriam nas horas de folga. Nem mais se ouviam os pios das corujas.

– Pru que isso tá acontecendo? – perguntava Chico para os outros, que coçavam a cabeça sem encontrar resposta.

Ventos gelados arrancaram as folhas das árvores, e uma geada fina queimou as plantações.

Chegou um tempo em que a noite veio e esqueceu de ir embora. O mundo ficou escuro e até a lua se escondeu, deixando vazios os sonhos e os corações.

Os namorados não tiveram mais o acalento de sua luz. Os amantes já não sussurravam segredos e juras de amor eterno... O mundo dormiu. As casas fecharam as portas e as janelas, e só um fogo fraco se esforçava para

manter a esperança.

Dia veio, porém, em que a natureza cessou seu clamor. Lá de cima, no céu, a lua espiou com um olho só, e um feixe de luz partiu como um raio sobre a vida na Terra. Portas rangeram abrindo-se e a população sonolenta pôs-se para fora.

De olhos arregalados e com incredulidade, o povo de Vilarinho viu, ainda envolta em noite e banhada pelo luar, uma luminosa margarida que se exibia orgulhosa. Era o tão esperado sinal de que o pior já havia passado.

* * * * *

Assim como na fictícia Vilarinho, a humanidade integra a dinâmica do mundo em sua imutável impermanência de ascensão e queda, vida e morte.

A mitologia grega fornece um amplo ideário sobre esses temas, entre eles o da finalidade humana, ilustrada pelo mito de Sísifo, um mortal que desafiou os deuses com sua astúcia.

Pagou caro por isso: foi condenado por Zeus a rolar uma enorme pedra montanha acima para que, antes de chegar ao cume, ela caia e volte a ser rolada, caia e volte a ser rolada... por toda a eternidade. A pedra evidencia a limitação de Sísifo diante da impermanência. Quer ele a deseje em um ou outro local, ela jamais estará em conformidade com seus desejos, gerando insatisfação e dor.

Sísifo não é dono de nada que possa ser considerado como um “eu”. Apenas se sujeita às condições existentes. A pena imputada a ele por Zeus reforça o princípio de que os mortais não têm a liberdade dos deuses, cabendo-lhes apenas concentrar-se nos afazeres cotidianos e ser criativos na repetição e na monotonia.

Essa asfixia diante do sentido da vida atormentou

também o escritor Albert Camus que, no ensaio “O Mito de Sísifo”, de 1942, desenvolveu a filosofia do absurdo, marcada pela ideia da inutilidade da tarefa de encontrar um sentido para a vida. Camus viu no mito grego um ser que vive a vida ao máximo, odeia a morte e é condenado a uma tarefa sem sentido que, ainda assim, executa diariamente.

Para ele a razão e seus limites devem ser reconhecidos, sem esperança, mas não com desespero. O absurdo nunca pode ser aceito. Ele exige constante confronto e constante revolta. Talvez estas sejam apenas novas maneiras de sermos criativos na repetição e na monotonia.

KATIA AUVRAY é mineira de Belo Horizonte. Professora de História, lecionou durante 25 anos em escolas públicas e particulares. Desenvolveu com seus alunos dezenas de projetos relacionados aos direitos humanos e à importância dos cidadãos comuns na construção do processo histórico. Entre eles, os livros “Um lugar chamado Brasil” e “Santa Terezinha”.

É autora do livro-reportagem “Cidade dos Esquecidos - A vida dos hansenianos num antigo leprosário do Brasil”, da Coleção Magia da História que, em seus cinco volumes, apresenta a história de Salto ao público infantil e de “Reflexões - pequenas notas sobre grandes temas”, além de ter participado de diversas antologias e produzido centenas de artigos, crônicas e ensaios para revistas e sites. É membro da Academia Saltense de Letras desde 2013, onde ocupa a cadeira nº16, cuja patrono é Cecília Meireles.



MINHA MÃE SOLIDÃO

Marilena Matiuzzi

O seu companheiro de tantos anos acordou muito mal naquele último domingo de março. Sentia dificuldade para respirar, muita fraqueza, além de dor de cabeça e tosse.

Ele já tinha idade para se aposentar, mas ainda trabalhava, pois o dinheiro da aposentadoria não lhe seria suficiente para seus sustentos. Além de cuidar da portaria, às vezes fazia serviços de motorista, como na última semana, em que foi buscar o patrão em São Paulo, que estava voltando de uma viagem.

Estranharam aqueles sintomas, pois sequer se recordava de quando tinha ficado resfriado pela última vez, no entanto, estava passando mal já fazia uns dias, mesmo sem ter tomado nenhuma friagem. Tinha até perdido o paladar.

Ali, na fazenda, tinham a garantia de, além do salário mensal dele, morarem em uma casa que os havia servido ao longo de suas vidas de casados, onde criaram os filhos e estavam tão habituados que já não sabiam mais como era viver em outro lugar.

Ele foi levado ao hospital na segunda-feira de manhã, porque suspeitavam de um vírus, responsável por uma pandemia, que ela só teve notícia da existência pelo motorista da ambulância que o veio buscar.

Ficou esperando por notícias dele até ontem. Foi impedida de acompanhá-lo e, assim, aguardou, ansiosa, por aquele momento que, diversamente do que esperava, devastou-lhe a alma: ele havia morrido; ela não poderia velar seu corpo, fazer o funeral de despedida, olhar seu rosto pela última vez.

Ao receber a notícia, ficou paralisada, sem reação.

Desde que nasceu ela cumpriu retineamente o papel que sabia ser seu dentro da história que a vida lhe dedicou.

Era mulher de poucas palavras, de atitudes comedidas. Sempre foi cumpridora de seus deveres. Cuidava da casa, do marido, havia cuidado de seus filhos - todos os quatro, homens - até que cresceram e foram, cada um, embora para seus destinos.

Ficou ali, parada, mergulhada em um silêncio de dor.

Ela sabia a solidão já antes desse momento e nunca soube se a solidão era ela ou se, para ela, a solidão eram eles. Se ela a criou a partir dos seus amados, ou se a teve sempre em si e eles nem sempre perceberam. Mas, é certo que solidão foi para ela as costas deles - pai, filhos e, agora, marido, afastando-se, indo embora, com um aceno de despedida lá adiante - do pai o aceno foi moderado; dos filhos, um pouco mais efusivos, e do marido, agora, sem gestos, sem olhares e sem palavras.

Parada, inerte, sem conseguir fazer expressão, vieram-lhe à lembrança passagens de sua vida, naquele lapso de dia, antes de saber qual seria o seu destino, como

se estivesse mergulhando em um lago profundo para, depois, tomar fôlego e tentar continuar.

Lembrou-se das filas dos homens de sua história, que sumiram no horizonte, deixando-se tragar pela mata, pelas ondas, pelas estradas, adiante de onde a dor aflita dos olhos dela e de mulheres iguais a ela, acompanhou.

Eles foram, elas sempre ficaram. Restavam cheirar o suor deles em suas roupas largadas, olhar para longe e não ver mais nada e, então, elas diziam no âmago silencioso de si, prendendo a saia com as mãos: Valei-me, Deus, que enquanto ele não volta, eu agora sou é macho. Solidão de fêmea desgrenhada, mãos que se esforçavam entre archotes e lanças na vigília contra o medo, que engoliam tremores e a incerteza do que viria primeiro: o homem que havia ido ou as trevas, as feras, os invasores, que espreitavam com mil ameaças.

Em seu papel de mulher solidão, ela, como suas ancestrais, dessedentava, transbordava, intuía, compreendia, acolhia, cultivava, amparava, curava e, assim, todas elas atravessaram idades, eras e tempos no relicário incompreendido da macheza que as circundou.

Ela sabia que sua existência, naquele roteiro de vida que havia lhe sido confiado há mais de 60 anos, antes mesmo de poder decidir algo por si mesma, era o mesmo que de todas as mulheres que conhecera. Uma janela semiaberta. Um olhar silente e um sorriso esmaecido por trás de um véu. Uma porta insistindo em abrir por dentro. Relicário de débeis glórias juvenis de quem por elas se apaixonou. Mistério em carne para tantos, que desejaram sabê-las se igual a eles.

Foi, sim, como as outras mulheres de sua família, para seus homens, ao longo das eras e dos tempos,

o conforto e a segurança. Por vezes, equiparada a um monte de palha levada ao sol e tornada a um canto seguro depois de se arejar, ou um fogo mortiço que só fez se mudar de um fundo de brenha a uma choupana, de um círculo de pedras aquecidas no centro de uma aldeia a um forno de barro, uma lareira, um prato de sopa fumegante, uma côdea de pão, um berço oscilante. Um fôlego de soprar a brasa, o abano monótono da chama, as ancas valentes, o olhar resolutivo. Sempre foi a terra, a mãe, o chão, a segurança e o acalanto de cada um deles.

Quantas foram as horas que, exausta em sua solidão, como uma louca chorou suas dores, ou como um anjo pálido e sedoso perdeu-se em devaneios. Sempre um labirinto onde permaneceram entranhadas perguntas e repostas. Mil suspiros, mil silêncios.

Insurgiu-se a vida toda contra a crença de que tivesse nascido do mesmo barro que eles, seja porque duvidava que tivessem o mesmo gozo, as mesmas feridas e que se lançassem nos mesmos infantis jogos que eles tanto amavam, seja porque estava sempre grávida de um chão que nunca deixou de querer, nem de possuir.

Enquanto ele se dava ao mundo, viajando, se aventurando, brigando, conquistando, ela, não. Se ela se deu ao mundo, foi por ele, não pela estima de ir. Ela sempre quis ficar, porque ela e a terra nunca souberam quem era uma ou quem era a outra.

Soube, sempre, que não precisava estar só para saber a solidão, que essa verdade conhece toda mulher. Ele, todas as vezes que se deparou com a solidão, fugiu, acreditando que nas idas encontraria seu destino, preencheria de sentidos sua existência. Ela, porém, abraçou.

Fez-se companheira dos feixes de trigo que ceifou, amareleceu com eles quando se iam seus verdes de

menina, quando ele desmaiava vencido, frustrado, o seu rubro de paixão após paixão. Foi tomando a cor de madeira envelhecida das rocas de fios que corriam por suas mãos, fustigadas pela procissão dos anos. Foi se acinzentando nas engrenagens dos teares que seus braços fizeram dançar. Sem cor definida, pálida apenas, assim como velhas monjas, ou viúvas, ou indesejadas, envelhecidas, abandonadas, que disfarçavam a solidão debaixo dos véus, nas contas dos rosários, subjugando nas preces as juras perdidas de um apenas sonhado amor.

Tantos abrigos ela, como suas ancestrais, criou em si, à custa de viver, amar e sofrer, que se perdeu na dura vastidão das muralhas que ergueu. Muralhas feitas do seu âmago, castelo onde sempre preferiu estar. Ela sempre se voltou para dentro de onde ele nunca quis ou não pode ir. Na amurada de onde, mil vezes e outras mil, aguardou o retorno do pai, de um filho e tantas vezes do marido, agora em definitivo. Eles, que vagavam para além de onde seus olhos podiam alcançar.

Agora a dor da solidão era acrescentada por uma estranha e dolorosa ausência, aquela que sabia não mais haver acenos, olhares, sequer distanciamentos, era uma solidão dolorosamente resignada.

Haveria de lhe soprar coragem, alento, preces e consolos?

Ela não sabia.

Era outra solidão, ou era a mesma dura solidão, porém, acrescentada de ausência.

Antes era a solidão da vigília, de cada passo que ele deu, assim como vigiou as nuvens passando sobre si, ano sobre ano, de geração em geração, deitada de costas na fortaleza que ela própria sempre foi, contemplando um céu nublado de flores, de corcéis, crianças, rainhas e pu-

nhais, céu de nuvens de sonhos das coisas todas que teve e daquelas que nunca viu.

Agora era a solidão das altas torres, ameias e bastiões de onde, após algumas petrificadas horas de um desesperado e silencioso não saber o que dizer ou fazer, a fez despencar lágrimas. De onde contemplou os penhascos da alma e, em desespero, cogitou se lançar a eles, achando que seriam amenos para o seu cálice de tomento e amor.

MARILENA MATIUZZI é natural de Salto. Advogada pós-graduada em Direito Constitucional, poeta e cronista, foi vereadora e ocupou alguns cargos públicos em sua cidade natal. Somente a paixão que tem pelos três filhos, Paulo, Bruna e Lucas, excede a que tem pela literatura.

Atua como advogada há mais de 30 anos na cidade de Salto, onde possui escritório próprio. Publicou o livro de poesias “Inquietações” em 2011. Ingressou na Academia Saltense de Letras (ASLe) em 18 de junho de 2011, onde ocupa a cadeira de número 39, cuja patronessa é Cora Coralina.



MALAS PRONTAS

Núbia Istela

O sol das 10h45 da manhã atravessava a janela do ônibus ofuscando os olhos de Ana Clarice que acabava de acordar. Olhou pelo lado de fora, tentando recordar a última vez em que atravessara a BR 251 em direção a Santo Antônio da Serra do Espinhaço, cidadezinha em que prometera a si mesma que só voltaria a passeio, por livre e espontânea pressão.

Outra coisa que Ana Clarice não se recordava era da última vez em que chorou até adormecer. A revolta fazia seu coração bater em um ritmo fora do normal. Não só estava voltando para casa, mas moraria com sua mãe, mulher com quem nunca teve um relacionamento saudável, de ônibus, com as mãos abanando e solteira. Era tudo que ela não desejava. Pensar nisso novamente fez com que as lágrimas retornassem aos seus olhos.

O motorista anunciou a chegada na tímida cidade. Ana Clarice olhou mais uma vez para fora, indignada, levantou-se, despindo do resto de dignidade que julgava ter perdido ao entrar naquele ônibus de volta

para casa.

Do outro lado, uma mulher se agitou ao ver a garota descer do ônibus e foi correndo em sua direção. Dona Cida abraçou, apertando a filha, que não via há pelo menos dez anos. Ana Clarice se desarmou de todas as suas defesas dentro do abraço acalorado da mãe emocionada, que tocou e beijou seu rosto sem parar, esquecendo-se das normas de segurança da Organização Mundial da Saúde.

Dona Cida tagarelava sem parar, contando para Ana Clarice as novidades dos últimos dez anos: a prima que casou e divorciou, as casas que foram demolidas, o ex-namoradinho de Sofia que casou, no mês passado, com um homem. E o ápice de ser avó de primeira viagem.

A garota, por um breve momento, se esqueceu da carência emocional, afetiva e das brigas constantes com a mãe antes de fugir, aos 17 anos, para a grande São Paulo para estudar design de moda e se tornar a maior estilista do Brasil. Era o que ela queria, mas a realidade, porém, alterara todos os seus planos.

Ana Clarice havia dado o sangue em nome de seu sonho de se tornar uma grande autoridade no mundo da moda, tinha se dedicado e participado dos eventos mais importantes da cidade. Trabalhava duro, sempre dava um jeito, mas não conseguia perdoar a mãe e a vida miserável que conheceu. Sua promessa de adiar a volta para Santo Antônio da Serra do Espinhaço ao máximo que pudesse declinou quando a pandemia de Covid-19 assolou o país.

Clarinha, como sua mãe carinhosamente a chamava, viu sua vida desmoronar aos poucos. Primeiro foi o seu namoro de anos com Gabriel: seu relaciona-

mento não sobreviveu dentro das quatro paredes de seu apartamento. Logo mais, teve que demitir seus poucos funcionários. E, por último, o ateliê. Não podendo mais pagar o aluguel, ficou sem lugar até para morar. Com dívidas enormes, sua única saída foi voltar.

Muita coisa tinha mudado na casa que a viu crescer, mas o seu antigo quarto estava no mesmo lugar; agora não tinha mais as duas camas de solteiro, o guarda-roupas e a cômoda, apenas uma cama de casal. Ana Clarice já estava mais calma, não conformada. Estaria ali por enquanto, só até essa doença passar, ela repetia como um mantra. Acomodou suas malas, o que sobrou de seus anos em São Paulo, em um canto do quarto e se jogou na cama, sem ânimo. Precisava de banho e dormir direito, em uma cama de verdade.

Os dias que se seguiam moldavam uma outra realidade para Ana Clarice. Cansada de não fazer nada, precisando de dinheiro, aceitou trabalhar na confecção de bolos e doces da mãe, o que reativou uma antiga paixão: seu amor pelos doces gourmets, o que havia pago boa parte de seus estudos.

As notícias nos jornais eram desanimadoras, cada dia diminuía suas expectativas e Gabriel não mandou nenhuma mensagem, mesmo tendo consciência de como sua vida ficou devastada.

Sua formação ajudou a melhorar a comunicação dos negócios da mãe, logo as encomendas também aumentaram. Quanto mais doces faziam juntas, mais descobriam o quanto tinham em comum. Ana Clarice descobriu o quanto sua mãe era uma mulher incrível, o quanto, talvez por consequência da idade, não conseguiu perceber do que ela havia abdicado para criar

os filhos.

Aos poucos, Ana Clarice começou a se sentir em casa e parte da vida, do cotidiano, de Santo Antônio da Serra do Espinhaço. Acordou estranhamente feliz, meses após a sua chegada, a luz do sol entrava através do telhado, produzindo desenhos em sua parede. A estilista refletia o quanto sua vida tinha mudado em tão pouco tempo e sentiu-se estranha ao constatar que para melhor. Caso tivesse que ir embora, muito provavelmente sentiria falta de tudo que estava vivenciando. O relacionamento improvável com Dona Cida era sua grande conquista. Aguardava ansiosa a chegada de seu primeiro sobrinho, Adrian. Estranhamente, naquele dia, apesar de não ter muito que comemorar olhando o quadro pandêmico, sentiu vontade de gritar de felicidade, mas preferiu comemorar sua alegria com uma tapioca de queijo, recém-saída da panela.

O futuro de Ana Clarice era incerto, pela primeira vez ela não tinha um plano rigorosamente traçado para os próximos anos. Olhou para o quarto mais uma vez, percebendo algo muito importante: suas malas ainda estavam prontas, como quem vai viajar daqui a pouco, como quem quer ir embora a qualquer momento. A inquietude de não ter para onde ir já havia cessado, ela havia encontrado seu ponto de equilíbrio, um lugar que a vida toda procurou para chamar de seu. Já não havia necessidade para tanta pressa, para a ansiedade desenfreada de viver sempre no futuro. Não tinha mais necessidade de aquelas malas permanecerem prontas.

Clarinha decidiu trocar, mesmo que momentaneamente, a incerteza do futuro pela certeza do presente, ser a tia preferida do Adrian, estragar o garoto que ainda nem tinha vindo ao mundo, assistir com Luca,

seu irmão mais novo, aos filmes que jamais assistiria se estivesse sozinha, ser a melhor irmã para Júlia. Despir-se com clareza de todo sofrimento e dar-se a chance de recomeçar, tornou sua alma mais leve. Sem fazer muito esforço, dependurou suas roupas no armário e guardou suas malas, sem pressa, desejando intimamente vacina para todos.

NÚBIA ISTELE nasceu em Janaúba/MG. É jornalista e pós-graduanda em Comunicação e Marketing de Mídias Digitais. Está Assessora de Comunicação da Prefeitura de Grão Mogol/MG. Já foi repórter do Comando Notícia, colunista do Jornal Montes Claros e resenhista literária do Jornal Estância. Ocupa a cadeira 37 na Academia Saltense de Letras, tendo como patronesse Aurora Duarte.

Autora dos livros *Lívia - A história de nós duas* (2019) e *Meias Verdades* (2018). É também idealizadora e organizadora do Projeto Quando eu crescer, que objetiva o estímulo à leitura e a escrita em crianças e adolescentes.

Mineira por linhas imaginárias e saltense de coração, brinca com os sonhos com os pés descalços e alma nua. Gosta de dizer que sua casa é o mundo.



NOS CORREDORES DO HOSPITAL

Valter Berlofa Lucas

Naquela manhã, meados de março, dona Maria Aparecida (Cidinha) iniciava seu dia. Há mais de 10 anos trabalhava no maior hospital de sua cidade. Na função de faxineira, tinha muito orgulho de seu trabalho, pois sabia que a limpeza era muito importante, como a do médico de salvar vidas, assim falava sua gestora. “Precisamos manter o hospital limpo, pois as infecções hospitalares matam tanto ou mais do que as próprias doenças”, ouvia sempre.

Ela já tinha visto muitas coisas por aqueles corredores, sempre procurando ficar na sua, discretamente vasculhava cada canto do hospital, quase ninguém a notava, tinha uma participação discreta, mas sabia de sua importância.

Naquele dia como todos os outros bateu seu cartão, passou pelo armário, vestiu seu avental, pegou seu carrinho de limpeza, verificou seus produtos, que já havia organizado no dia anterior, e saiu com sua missão diária.

Pensativa, em silêncio corria os corredores, com seus produtos, detalhando cada piso, azulejo, verifican-

do os lixinhos, entrando pelos quartos, recolhendo tudo que estivesse ao chão. Pensava consigo mesma, nossa, meu filho João está desempregado e com filho pequeno, meu esposo adoentado, mesmo assim saia todos os dias para o trabalho, pois era jardineiro, tinha muitas dores na coluna, o deixava acamado e travado, haja remédios para dor. Já sua filha acabara de completar 20 anos, já estava no quinto semestre da faculdade, trabalhava em uma loja de roupas, era muito esforçada. Era uma alegria que iluminava sua vida ao ver sua filha já garantindo um futuro melhor.

Ela se olhava, não tinha estudos, pois sempre trabalhou para o sustento da casa de seus pais e agora da própria família, aos fins de semana ainda trabalhava com faxinas em casas de família, era para ajudar a filha a terminar os estudos, e agora seu menino desempregado, Rsssssss, menino refletiu, que mãe boba, o rapaz já passara dos 25 anos.

Enquanto prosseguia com seu carrinho de limpeza, passou por ela uma enfermeira e a cumprimentou com um belo sorriso.

– Oi Cidinha, tudo bem?

– Tudo bem, dona Adriana.

– Dona não, Cidinha, só Adriana – disse rindo, abraçou-a e foi embora.

Avistou o Dr. Pedro vindo pelo corredor, já ficou tímida, pois era um médico muito importante. Ele passou por ela e, em um breve momento, parou e olhou em seus olhos. Com aqueles dentes brancos como a neve, sorriu.

– Bom dia! Como vai a senhora?

Ela quase derrubou a vassoura, mas se recompôs e respondeu timidamente.

– Bom dia, Dr. Pedro.

E assim ele continuou seu caminho.

Cidinha retomou seu trabalho e, de vez em quando, passavam por ela mulheres e homens de branco que às vezes a notavam; outros não. Dessa forma continuava a inspecionar corredores, entrando de quarto em quarto, assim como na última década sempre o fez.

Ali, absorta em seus pensamentos, levou um pequeno susto: passara uma maca a milhão. Já acostumada com a correria da enfermagem, sempre correndo para salvar vidas, ouviu-os comentando: “rápido, precisamos entubar, a respiração está fraca, chamem um médico”. E observou-os sumirem, lá na frente, virando o corredor. Não demorou e começou a notar outra correria lá no início do corredor, com outra maca que vinha a toda. Pensou: “deve ter sido algum acidente; o pessoal enlouquece com esses motoristas imprudentes”.

Dali a pouco, não menos agitada, a Encarregada da Limpeza, vinha pelos corredores falando sozinha e endoidecida. Pensou: “abriram o hospício, não é possível. Todo mundo enlouqueceu”. Naquele momento, sua chefe estava passando por ela, não teve dúvidas e perguntou:

– O que aconteceu, Dona Alice?

Alice respondeu:

– O vírus, o vírus chinês tá pegando todo mundo.

Cidinha, sem entender nada, quis saber mais, mas Alice já estava lá na frente, nem deu tempo de pedir mais explicações.

De repente, viu Alice voltar.

– Peça para alguém trazer lençóis limpos, precisamos trocar toda a roupa de cama. Depressa! Vá buscar ajuda.

Cidinha posicionou seu carrinho no corredor e saiu à procura de alguém para providenciar roupas limpas.

Passando pela sala de recepção, ouviu choro, olhou de relance e viu uma senhora sendo confortada por uma jovem, que parecia ser filha. A senhora falava alto:

– Meu marido, meu marido, ele não conseguia respirar, estava com uma gripe forte, era só um resfriado, agora tão dizendo que é esse tal de Coronavírus e ele pode morrer – gritava a mulher, que aparentava passar dos 60 anos.

Ali Cidinha ficou observando a mulher, não entendendo nada que estava acontecendo. De repente alguém a puxou pelo braço:

– Vamos, mulher!

Era a camareira Fatima.

– O que está fazendo aí parada?

Cidinha respondeu:

– Que sorte encontrar você, estava procurando alguém para levar roupa de cama para os quartos que a Encarregada Alice está preparando.

Fátima perguntou:

– O que está acontecendo?

– Uma correria, minha amiga – respondeu Cidinha.

– Deve ser o tal vírus que veio da China.

– Vírus, mas como assim?

– Eu não sei, Cidinha, só sei que temos que correr.

Logo depois estava voltando para seus afazeres, quando passou pela sala da recepção e já não viu a mulher que há pouco estava em prantos. Curiosa, foi até a recepcionista e perguntou:

– E aquela coitada que estava chorando? Foi embora?

- Então, Cidinha, o marido dela morreu.
- Como assim morreu?
- Esperaram demais para vir ao hospital.

Cidinha estava no meio de uma pandemia, sem entender nada. Estava envolvida em algo que, naquele momento, ninguém sabia explicar.

Mais tarde vieram algumas explicações: é uma doença chinesa, as pessoas morrem somente por respirar o tal vírus, todos vão morrer, a tal pandemia mata velhos, as crianças não pegam, as pessoas fracas morrem e as acima do peso, também. Nada explicava ao certo, apenas estava morrendo gente no mundo todo.

O que podia fazer? Trabalhava em um hospital, tinha passado dos 55 anos e pensava o que seria dela se pegasse aquela doença. Se fosse tão contagiosa, como iria trabalhar todos os dias em segurança? Tinha seu marido, seus filhos...

Coitada de Cidinha, estava perdida, pois ali era seu local de trabalho e vinham ordens e mais ordens: usar máscara, álcool em gel nas mãos e limpeza redobrada. Tudo virou de ponta cabeça.

Daquele dia em diante, o mundo se transformou. Onde antes havia sorrisos apareceram máscaras, onde havia abraços, um punho estendido e um medo cruel nos olhos. Viu “seus” médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e auxiliares cabisbaixos, cansados... A cada dia tinha mais compaixão por eles, agradecida por seus esforços.

Caminhando com seu carrinho, viu avós, pais, mães, filhos, médicos, enfermeiros e parentes caírem pela doença. Chorou a morte de alguns, alegrou-se pela vida de outros. Era apenas uma espectadora da pandemia. Com seu olhar do chão via a tudo, via a batalha de

cada um que entrava no corredor reservado, naquele quarto onde homens e mulheres ainda tinham esperança de saírem vivos.

A ciência superada pela fé e a fé implorando pela ciência, por uma iluminação divina, para alcançar a cura tão desejada.

Final todos querem sobreviver.

VALTER BERLOFA LUCAS. Nascido em 5 de maio de 1968, em São Caetano do Sul/SP, é filho de Félix Lucas Serrano e Maria de Lourdes Berlofa Lucas. Reside em Salto desde 1976, é casado com Raquel Tizziani e pai de Gabrielle Silva Berlofa Lucas.

É graduado em Administração de Empresas, técnico em Agropecuária e possui MTB de jornalista. Estudou Filosofia no Seminário de Pirapora, na Ordem Premonstratense durante três anos. Publicou artigos sobre questões sociais nos principais jornais de sua região. Fundou dois jornais amadores: Espaço Norbertino e Comunicação Popular. Atualmente é Administrador de Condomínio e Síndico Profissional.

É autor do livro infantil “O vira-lata Sargento”, lançado em 2016. Integra a Academia Saltense de Letras desde 2019, onde ocupa a cadeira 27, patrono Luís Vaz de Camões.



CRÔNICAS



O SONHO DO NONNO

Alberto Manavello

Os versos do poema “Romaria”, de Renato Teixeira, questionam-me.

Olhando para o trajeto de minha vida, vejo-me realmente perdido em pensamentos, olhando o tempo vivido e tentando um balanço. Sinto-me ainda montado no cavalo que me levou, em busca dos meus sonhos, dos meus ideais, das minhas metas...

O bom Deus me concedeu muitas graças e me trouxe da Itália para o Brasil para conhecê-Lo melhor. Deu-me uma esposa, duas filhas, dois genros, três netos e, desde março de 2020, uma bisneta chamada Helena. Sinto-me um homem realizado e agradecido.

Os modernos remédios estabilizaram minha pressão arterial, a diabete do tipo II foi controlada e uma cirurgia desentupiu minha carótide esquerda.

“É de laço e de nó, de gibeira o jiló, dessa vida cumprida a sol.

Montado no cavalo da vida, carreguei a gibeira do

meu coração com as coisas doces, e as amargas também. Vi o gigante adormecido e muita miséria para o povo deste País. Como resolver? Jesus disse: “Amai-vos uns aos outros”. Mas o homem não escuta.

Agora mudou tudo! Explodiu a Covid-19.

A vida normal foi sumindo. A pandemia virou pandemônio; uma confusão e uma desordem provocada por todos os demônios.

Há cem anos o mundo saiu da primeira guerra mundial com um nefasto recorde de aproximadamente 10 milhões de mortos. Dois anos depois, a Gripe Espanhola fez mais 50 milhões de vítimas. Apavorante!

Hoje a história se repete e nos coloca diante de novas reflexões. Como fugir? O que devo fazer? Quem pode me ajudar? Cadê a vacina?

O pavor de sermos hospitalizados, entubados e passarmos algumas semanas de inauditos sofrimentos para chegar ao óbito se agiganta a cada noticiário da televisão.

Pergunta-se: o mundo se lembra de Deus? Osromeiros vão para Aparecida...

Tenho a sorte de ter uma fé bastante madura que me dá forças nesse momento. A fraternidade torna-se necessária. A solidariedade também. A união faz a força.

Muitas famílias criaram uma “rotina pandêmica”, com bastante higiene das mãos, uso de máscaras e distanciamento. Mas, nem todas, infelizmente.

A quarentena me adormece em frente da TV, num ócio indolente e pouco edificante. Tendo consciência disso, decido dedicar mais tempo a coisas mais

estimulantes, como leitura, escritura, pesquisa etc.

A quantidade de infectados pelo vírus está realmente assustando a todos, assim como o número de mortos diários. “É de sonho e de pó o destino de um só”. A realidade quer esmagar-nos.

Aumenta a contaminação e a morte entre os profissionais da saúde, que se desvelam no acudir aos doentes em enfermarias e UTI’s. Que Deus os proteja!

O WhatsApp é hoje o meio de comunicação de todos, especialmente em videochamadas. Maravilhas da tecnologia que substituem o saudoso abraço. Magra consolação para quem costuma externar sua afe-tuosidade.

Cenas, vistas agora há pouco na televisão, perturbaram-me demais. A abertura de centenas de covas, preparando a ignóbil sepultura das vítimas. Triste, muito triste. E, para nos defendermos dos sofrimentos causados pelo horror da realidade, preferimos criar um escudo de indiferença protetiva.

Nas notícias da TV, temos a nítida impressão de que a pandemia está virando um pandemônio, no qual os anjos do mal, muitos deles disfarçados de políticos, fazem tremenda algazarra para complicar mais ainda a vida do povo indefeso. Será que Deus está vendo? *usque Tandem?* (Até quando?)

Todo cristão, nessa hora assustado, com medo de adoecer, deseja a graça e a misericórdia de Deus, embora poucas vezes se lembre de Sua justiça.

Lá em casa a quarentena iniciou-se no dia 15 de março de 2020. Neste mesmo dia nasceu Helena, filha de Luan, meu terceiro neto e Stella, sua mulher.

De repente, Ana e eu nos surpreendemos ao sermos bisavós.

Meses depois, com os devidos cuidados, chegou a vez de conhecermos nossa bisneta. Sentimo-nos em êxtase. E foi nesse dia que Stella, sua mãe, disse:

– Como gostaria de saber o que está pensando minha filha.

– Eu também gostaria! – acrescentei.

“É de sonho e de pó o destino de um só”. Este verso me leva a perceber que toda vida bem vivida precisa ter sonhos, experimentar o pó e encontrar seu destino.

Num maravilhoso sonho, minha bisneta Helena, com apenas sete meses de idade, estava na cama ao meu lado, sorrindo e olhando-me direto nos olhos.

– Por que chamam você de Nonno? Que nome esquisito.

Olhei para ela assustado. Ela falou comigo, mas sua voz não saiu da boca; senti-a diretamente em minha cabeça. Telepatia?

Respondi da mesma forma, somente em pensamento:

– Significa vovô, em italiano.

Ela entendeu, mas insistiu:

– Mas meu vovô é o Marcelo. Não é?

– Sim. Meu nome é Alberto e sou seu bisavô.

– Você gosta de complicar. E o que significa bisavô?

– Não estou muito seguro, mas, sendo mais velho, sou duas vezes vovô.

– Você é simpático; eu gosto de você e da Anitin.

Ela é a sua esposa?

– Sim, é minha esposa e sua bisavó.

– Gosto muito dela. Ela é carinhosa e gosta de mim.

– Quando eu estava dentro da minha mãe, ela falava comigo o dia inteiro. Às vezes repetia sempre as mesmas coisas. O Luan, meu pai, também falava comigo quando estava em casa. Mas você e a Anitin nunca tinha ouvido. Por quê?

– Porque quando estava na barriga de sua mãe, estava distante de nós. Não dava para nos ouvir nem para ver o lado de fora. Para ver essas coisas é preciso nascer, isto é, sair para a luz, conforme você fala. O que você lembra de antes da luz?

– Lembro de tudo. Antes da luz eu sentia calor, frio, percebia os sons, a música, enxergava algumas cores, me alimentava através do umbigo, mas não sentia o sabor. Sentia alguns cheiros, mas não conhecia a forma das coisas. E tinha sempre a companhia Dele.

– Quem era este “Ele” de que você fala?

– Não sei ao certo, mas Ele sempre estava ali, sorrindo para mim. Quando saí da minha mãe Stella, descobri que o nome do “Ele” é Jesus. Ele nunca falava nada, mas ficava me ouvindo, sempre com paciência. Jesus quis me dar um companheiro que chamam de Anjo da Guarda. O meu é muito legal! Está sempre me protegendo e o nome dele é Leo.

– Me diz uma coisa, Helena. Depois da luz, você está conhecendo um mundo novo. O que acha dele?

– Acho maravilhoso! Estou apenas começando a entender as coisas, a natureza, as pessoas e a mim

mesma. Compreendi, recentemente, a diferença entre as pessoas e os animais.

– E qual é a diferença?

– Grandes ou pequenos, os animais são de muitas espécies. Os que mais gosto são os pássaros, porque eles voam. Por que a gente não voa? – questionou Helena.

– Porque não temos asas.

– O que é sonhar?

– É imaginar que está voando e, de repente, acordar do sono e perceber que nunca saiu da cama.

– Já sei, Nonno. É como achar que está caminhando e, depois, perceber que está deitada.

– O que mais gosta de fazer, Helena?

– Tomar banho, assistir televisão, brincar com meus avós. Gosto muito de comer. Sabe, Nonno, antes da luz, comia sem perceber nem sentir sabores; depois da luz, sugava do peito da Stella, a minha mãe, o que era bem gostoso. Agora, estou comendo mil papas diferentes, frutas amassadas etc. Comer é uma delícia! Também tem uma coisa que quero aprender o quanto antes: andar sozinha. Também quero aprender a usar melhor as minhas mãos, porque, muitas vezes, as coisas fogem delas. Também preciso, urgentemente, aprender a falar para me comunicar melhor.

Ela fez um momento de silêncio e percebi que estava olhando para algum ponto, atrás de mim, e prestando muita atenção.

– Jesus e o Leo estão dando risadas. Acho que gostaram de nossa conversa.

Parecia um anjo... do jeito que sai das mãos de

Deus! Percebi que, primeiro uma, e depois muitas lágrimas escorreram de meus olhos. Helena observou e disse.

– Não se preocupe, Nonno. Jesus disse que também gosta muito de você.

Acordei com lágrimas nos olhos, agradecendo a Deus, que me tinha permitido tocar com o dedo um pedacinho do céu.

É disso que precisamos lembrar: nada de novo debaixo do Sol. A vida continua!

ALBERTO MANAVELLO. Nascido em Treviso, na Itália, em 1941 emigrou para Venezuela em 1962. Em 1970, mudou-se para o Brasil, onde montou uma fábrica de aparelhos de iluminação. Teve sua formação escolar na Itália, sendo o Italiano seu idioma natural. De maneira totalmente autodidata, e apaixonado pela literatura, decidiu realizar seu juvenil sonho de escrever, publicando, em português, em 2017, “Vila Kostka - Encontros da vida”, seu primeiro romance autobiográfico.

Continua escrevendo e pretende lançar em breve seu novo romance - “Por onde andou Pepita”, que conta a história de sua avó materna espanhola, cuja vida transcorreu entre as duas guerras mundiais e a Guerra Civil Espanhola.

Alberto é membro da Academia Saltense de Letras desde 2019 e ocupa a cadeira nº 9, cujo patrono é José de Alencar.



NOVA NORMALIDADE

Andrade Jorge

O século era o vigésimo primeiro, e naquele planeta azul, que fica no meio de um dos braços da galáxia, a 30 mil anos-luz do núcleo, a meio caminho entre a borda e o centro, chamado Terra, os seus habitantes eram animais racionais, denominados humanos, e, século a século, foram fazendo descobertas científicas, e o planeta virou um imenso canteiro de obras. O homo sapiens criando.

Na divisão social da Terra surgiram tribos, grupos, clãs, reinados, até chegar a países, colocaram cercas nos domínios, cada qual com seu linguajar, e no progresso desenfreado o homem descobriu que na riqueza estava a chave para a imposição. Ser rico não é pecado, subjugar pela riqueza, sim.

A classe dos trabalhadores, camponeses, quer seja na Roma antiga, como na Revolução Industrial, sempre foram a maioria, mas sob comando de uma casta rica, e assim atravessam séculos, o peão sustenta

o trabalho, tal qual o jogo de xadrez, o de menor valor trabalha para os Reis, Damas, Bispos etc.

Chegamos ao século vinte e meu **pai foi peão**.

O homem atravessou eras, em constantes transformações tecnológicas, que o leva a pensar que é Deus, no momento que a engenharia genética o capacita a criar até seres vivos, a ciência falando alto, no contraponto das relações humanas, que caminha há muito tempo como coadjuvante. O saudável convívio social foi substituído pelo convívio com máquinas, o celular, o computador, é por aí que o homem faz seu novo jeito de viver: redes sociais, conversas virtuais, pagamentos, recebimentos, negócios, tudo.

Nesta era virtual não temos tempo para o outro, a conversa virtual é fria, tira o calor das palavras, os trejeitos, o riso ou choro, sozinho enclausurado num quarto diante de uma tela a pessoa não vê a vida passar. A humanidade da relação passa longe, isso quando essa arma não é usada para ludibriar um desavisado, que cai nas armadilhas virtuais. É a solidão que toma conta, feito a mãe que acarinha o filho. **Minha mãe, solidão**

Nesse cenário, de cada um por si, vive-se uma nova realidade, como dizem “a nova normalidade” a estrutura familiar se desagregando, a violência, parece, crescendo; basta acompanhar os noticiários, os

caminhos apresentam-se sombrios, e os fracos de espírito se perdem no labirinto do tudo em vão, ou seguem pelas ruas do nada, abrigam-se em casas vazias e alimentam-se das ilusões perdidas. Assim de aventuras em aventuras segue a vida... mas que vida é essa? Os abismos se abrem sob os pés dos incautos, valores invertidos, o planeta dizimado, e falsos profetas surgem como heróis. O mundo virou um imenso cassino onde jogam o que não tem. Assim, assistimos as desventuras de nossos irmãos perdendo pela vida os valores que embasam o homem, e que desnorteados entregam-se ao “Deus dará”.

Andei por aí busquei também os sentidos da vida, o momento nos faz refletir quem somos, a que viemos, e diante de tanta dor e sofrimento concluímos, não somos ninguém de forma isolada. A vida não é uma roleta de jogo onde a sorte ou azar determina o seu caminho, a vida é mais, e como pregava o Mestre Ariano Suassuna: “O sonho é que leva a gente para frente, se a gente for seguir a razão, fica aquietado, acomodado”, porém, há momentos em que a razão deve ser a senhora.

Chegamos ao ponto de ouvir, que devemos viver uma nova normalidade, adaptar-se ao novo modo de vida, mas que vida é essa? Que nova normalidade é essa? As diferenças nunca cessarão, e como diz a letra do cantor Falcão: “o homem é homem, mulher é mulher, baitola é baitola” o pobre continua pobre, o rico mais rico, a saúde vai mal - obrigado, o racismo existe, a educação é débil, a segurança insegura, o sem

teto é sem teto, e as mentes brilhantes continuarão a brilhar sob o céu do planalto. No mais estou indo embora, já cantava Zé Ramalho.

ANDRADE JORGE, poeta/escritor, paulista de Jundiaí, vive sob a égide de seu próprio lema: “Passarei pelo mundo sendo amado ou odiado, talvez os dois sentimentos em igual intensidade, mas jamais passarei de forma indiferente”.

Membro honorário da Associazione Culturale Falantra - Taranto/Itália; UBE- União Brasileira dos Escritores; Confraria Artistas e Poetas pela Paz; Academia Nacional de Letras do Portal do Poeta Brasileiro; Academia Internacional de Letras, Artes e Ciências - ALPAS-21 e Academia Saltense de Letras, cadeira 34, patrono: Oswaldo de Souza Aguirre.

Livros publicados: Encanto e Desencanto; Quem é esse Ser?; Conto, En...cantos&Peripécias, além da participação em várias antologias. Lançamento em 2021: João Batista Milagreiro. Contato: andradejorge7260@gmail.com Face: <https://www.facebook.com/andrade.jorge.948>



SONHAR É PRECISO

Antonio Carlos Valini Vacilotto

Viver um momento tão ímpar quanto o dessa pandemia, surgida no início de 2020, fez-me refletir mais profundamente sobre a vida, os sonhos, os destinos, os pensamentos e os laços que construí até então. Durante minha trajetória, diante dos imprevistos, dificuldades e obstáculos, nunca foi tarefa fácil o desapego da zona de conforto que, por mais que me limitasse, acabava por trazer uma sensação de segurança, mesmo que fosse ilusória.

A pandemia me atropelou, me fez viver um misto de sensações, incompreensões... mais que isso, fez-me compreender, de uma vez por todas, que o mundo é mais complexo e volátil do que sequer eu poderia prever ou imaginar. Ela veio como um furacão, destruindo estruturas. Reformulou por completo a minha rotina, as minhas convicções e, confesso, minhas emoções.

Às vezes me pego a divagar... Se eu soubesse de antemão que teria que vivenciá-la, o que eu faria? Talvez me dedicasse mais a priorizar a humanização das

diferentes atividades que já desenvolvia, com o intuito de contribuir, para a maior difusão dos conceitos de cidadania, senso coletivo, sonho, empatia e resiliência.

Muitas pessoas desistem de seus sonhos, pois acreditam que não são capazes de os realizar, e seguem a vida com aquele vazio ou frustração. Outras continuam sonhando e sonhando... apenas sonhando. E tem alguns que conseguem realizar seus sonhos.

Talvez eu tenha sido um misto de tudo isso: ora mais esperançoso, ora mais apático, ora mais guerreiro. Fato é que os sonhos dão sentido à vida, parecem realinhar os propósitos e renovar a fé...

Essa interrupção da normalidade na vida, a princípio denotou um momento ruim... Interessante isso, como se aquela rotina da qual mais me queixava era a que estava em ordem e, somente agora, por conta da pandemia tivesse ficado em desordem, em desacordo. Que belo engano... as ilusões viraram pó...

Foi uma situação como esta, de pandemia, que me fez cair na realidade... no apego à crença desmedida em uma rotina insana, sem tempo para o autocuidado, o cultivo das relações, dos afetos, das conexões... assustador! Mais assustador ainda foi, e continua sendo, ver tudo isso também ecoar em muitos ao meu redor.

Claro que imediatamente após a adoção de medidas de contenção da propagação do vírus, como o isolamento social, fui impulsionado a repensar minhas atividades pessoais e profissionais, muitas vezes constatando a transformação de alguns sonhos em pó. Momento inusitado que, por outro lado, representou, uma oportunidade de aprendizado urgente e de profundas reflexões dessa vida cumprida a sol.

Após a suspensão das atividades presenciais, a

mudança mais impactante foi o fato de que as relações foram transportadas à plataforma digital. Outro choque, porém, novas reflexões... Como eram anteriormente as nossas relações? Perfeitas? Saudáveis? Verdadeiramente afetivas? Óbvio que não.

Em pleno século XXI, poderíamos supor que um dia essa realidade seria encarada como natural. Outro engano... minha necessidade de segurança e previsibilidade, revelou-me uma nova constatação, a minha cegueira. A situação conhecida e confortável como prática desenvolvida há anos, em alguns casos há décadas, agora estava escancaradamente alterada e mais uma vez o desapego se fez necessário... o desapego às ilusões precisou ser substituído pela forçosa lição de que tudo muda... e que dói menos estar aberto às aprendizagens.

Uma diversidade de situações me estarreceu... Alguns, é certo, já dominavam as tecnologias, mas também estes estavam em busca de conhecimento: foi necessário adequar conhecimentos e práticas a uma nova situação, em que as relações estavam mediadas pela tecnologia e pelas mídias, ou seja, midiaticizada.

Na educação, o que a mim sobressaiu neste cenário de isolamento social foi, no entanto, algo muito mais avassalador: em poucos dias, as mídias – como agentes de mudança das relações socioculturais e, portanto, educativas – passaram a ser essenciais... nasceram as aulas obrigatoriamente midiaticizadas.

Na linha deste (forçoso) processo já não havia mais a sala de aula presencial, mas ainda havia uma sala, a remota, que se tornou o ambiente para que professor e alunos se encontrassem para realizar seus papéis sociais. No entanto, estava aí um novo cenário

de aprendizado para ambos: professor e aluno precisariam (re)aprender seus papéis nesse novo mundo... O período de isolamento social foi, nesse sentido, mais um novo momento de aprender a ser professor e ser aluno no ambiente remoto: apresentar oralmente conteúdos apoiados em lâminas de Power Point (o que antes era inovador), mostrou-se totalmente obsoleto e insignificante.

Apreendi, ainda, a conviver de forma mais tolerante com as diferenças, com os limites de cada um com quem convivi e continuo a conviver... Mesmo os docentes que optaram por dinâmicas mais tradicionais de aula, foi preciso que aprendessem, ao mesmo tempo que seus alunos, a usarem aplicativos para realizar reuniões virtuais, muitas vezes alterando não apenas a forma, mas também seus conteúdos de aula e nele incluindo vídeos, fotos, histórias, exemplos... Tudo a fim de tornar a aula mais dinâmica, já que agora as intervenções dos alunos se mostravam bem menores que nas aulas presenciais e o professor não podia, inclusive, ver as expressões dos educandos, à medida em que, para encarar essa dura realidade, muitas vezes apenas a câmera e o microfone do professor ficavam abertos na sala de aula virtual.

Venho me convencendo, num processo árduo de amadurecimento, de que a verdade é que a transposição dos conteúdos presenciais para atividades remotas trouxe aos docentes um gigantesco desafio e, para ocorrer, necessitou não apenas ser adaptado aos ambientes digitais, mas acrescido de atividades extras e do auxílio de outros sujeitos da comunidade escolar, como corpo técnico, coordenação e direção. A preocupação, porém, não se limitava apenas ao momento

da aula remota pois, há que se diga, sempre havia a possibilidade de se gravar todo o conteúdo das aulas para depois disponibilizá-lo em plataformas. A questão que se tornava premente é que, mesmo com tais opções e com a existência de plataformas como essas há décadas, a maioria dos professores nunca sentira, de fato, a real necessidade de aprender a usar tais tecnologias. Com a crise, no entanto, essa passou a ser a única alternativa para a continuidade do processo de ensino-aprendizagem.

O importante agora não parecia ser mais simplesmente a presença do aluno em determinado momento – tanto que as práticas de contabilização de presenças e ausências de alunos já não eram diretrizes ao trabalho docente. O contato primordial a ser resguardado era não somente com o conhecimento... A preocupação maior era com o ser humano, com o aluno, para que este pudesse, segundo sua estrutura intelectual, psíquica e social, obter a melhor formação possível, uma formação baseada na real conexão afetiva, que até mesmo nas aulas presenciais, antes da pandemia, camuflavam essa necessidade...

Venho diariamente constatando e revendo os meus conceitos, enquanto educador. Esta preocupação com o aluno como ser humano individual, um desafio que se impôs frente à conjuntura de mudanças e aos novos aprendizados foi o de se trabalhar com turmas grandes de estudantes. Aquilo que já era um desafio em ambientes presenciais tornou-se ainda mais conflitivo. Ainda que com tantos alunos, o professor no início se sentiu muito solitário, acostumado que era com a interação que outrora existia, e agora precisava criar, usar outras ferramentas e recursos para que os

alunos saíssem do papel de meros expectadores para reais participantes. Nesses momentos de isolamento, as videoconferências trouxeram alegria e descontração à relação entre docente e educandos, quando os alunos, empolgados com vídeos e outros materiais antes pouco utilizados, permitiam-se fazer comentários. Foi em momentos como esse que o professor pôde notar que as suas aulas presenciais perdiam quando pautadas apenas no tradicionalismo da explicação oral, sendo limitadas em mostrar o pensamento, a criação, a beleza do conhecimento de outros pensadores que estão ao dispor em variados sites.

Não posso deixar de salientar neste ponto que, com o acréscimo de métodos e materiais menos ortodoxos de ensino, agora mais do que nunca, não se pode perder de vista que a pessoalidade e confiança na relação professor-aluno continuam a ser condição essencial ao aprendizado. Nesse sentido, a proximidade entre educador e educando é um atributo construído e necessário a ser demonstrado não apenas entre essas partes, mas também por meio do funcionamento do próprio sistema de gerenciamento das atividades remotas, o que inclui a necessidade da facilidade de acesso, a revisão das relações humanas repletas de significado e sentido, além do suporte ao estudante, em tempo real, no que tange não apenas à solução de problemas, mas à construção de um novo modelo de interação, que privilegie sempre um ambiente de segurança, confiabilidade e cooperação, ambiente este necessário em todas as esferas da sociedade, que necessariamente precisaram e precisarão se reinventar constantemente...

E, assim, mesmo que de forma dolorosa, prosse-

guirei me dedicando à edificação de atitudes mais sábias, que me permitam desapegar das futilidades que viram pó e passar a me dedicar a sonhos verdadeiramente edificantes...

ANTONIO CARLOS VALINI VACILOTTO. Jornalista, pós-graduado em comunicação e marketing pela Metrocamp, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, pela Puccamp, MBA em marketing pela FGV, Mestrado em administração/marketing pela UNIMEP, Doutorado em educação pela Unicamp. Diretor da Ausera Comunicação e Marketing, Coordenador de curso superior no Unianchieta e Presidente do Conselho Municipal de Políticas Culturais de Salto. É Membro da Academia Saltense de Letras desde 2020, onde ocupa a cadeira nº 10, cujo patrono é Jota Silvestre.



DESVENTURAS DE UMA ESCRITORA INFANTIL

Cynara Lenzi Veronezi

O ano era 2020. Para ser mais exata, março de 2020.

O sol nascia forte e quente, perfeito para uma linda manhã de verão brasileiro.

O café sendo preparado como de costume e só uma certeza vinha à minha mente: o dia prometia! E eu, feliz, acreditava nisso. Estava animada, e como!

A minha certeza de um dia feliz era um compromisso delicioso no dia seguinte: eu, uma escritora infantil, iria me encontrar com crianças numa escola. Teria, naquela manhã, muitos planos e ações para realizar, por conta do lindo encontro.

Eu me aposentara no ano de 2019, porém sempre, concomitantemente com minhas aulas, já realizava encontros com as crianças das escolas que me convidavam, pois trabalhavam as minhas historinhas e gostariam de conhecer um pouco mais sobre mim.

E eu sempre ia, e era feliz por isso.

Mas, voltando à situação que me fez escrever, naquela manhã linda de março, após iniciar meu planejamento rotineiro para a visita que faria no dia seguinte, recebi mensagem de uma das professoras que haviam me convidado. Ela, muito triste, me passou a informação de que estava cancelada minha visita, por conta do posicionamento da escola em reorganizar seus trabalhos diante da chegada do novo Coronavírus a nossas vidas.

As crianças precisariam ser preparadas para que entendessem o motivo do resguardo em suas casas, coisa que nós, adultos, também teríamos que fazer.

Esse novo tipo de vivência deixou todos um tanto confusos sobre como agir e seguir.

Pois bem, visitas canceladas. E a Cy, autora e absurdamente apaixonada pelos seres que lhe dão inspiração e alegria, como iria fazer neste momento tão difícil? Sem entendimento lógico e concreto, tínhamos ações a serem realizadas, mas não sabíamos qual caminho seguir e se o caminho escolhido era o certo ou não!

Meio atordoada, fui em busca de um café, pois a acolhida deste líquido me faz muito bem. Comecei a imaginar o quanto as crianças seriam prejudicadas e o desânimo tomou conta de mim, confesso, e acredito que de muitas pessoas também.

Pensamentos invadiram minha mente e o que tínhamos para aqueles dias eram só informações dos meios de comunicações. A necessidade de entendimento nos deixava confusos e apreensivos.

As manhãs de março ficaram estranhas e a necessidade de encontrarmos soluções para tudo que estava

acontecendo, também.

Estava eu, como um peão, que atrela o cavalo e segue em sua jornada, ou talvez o outro peão, o do jogo de xadrez, que não tem a capacidade de recuo. É... As duas alternativas estavam se apresentando à minha frente.

Seguir um caminho e fazer desse período um momento rico e produtivo, foi meu pensamento. As crianças precisavam ter contato com o mundo da leitura e do prazer que ela proporciona, mesmo que de forma virtual. Resolvi, então, pegar meu celular e começar a gravar, de forma simples e rudimentar, historinhas minhas, me aventurando nesse universo, coisa que nunca passara pela minha cabeça. Gostava de desafios, mas nunca chegara a realizar um trabalho de gravação.

As primeiras foram em lugares aleatórios da minha casa, sem pretensão de algo além.

Recebi, como retorno das minhas postagens nas redes sociais, um incentivo, um carinho, que nem imaginava que pudesse ter. Eram pessoas, em suas diversas áreas de atuação, que me mandavam muito apoio e consideração. Minhas caixas de mensagens estão cheinhas. Percebi que poderia seguir este caminho, escrevendo, desenhando e gravando minhas historinhas.

Professores começaram, neste período tão conturbado e confuso, a me pedir o envio das historinhas, para que as utilizassem em suas aulas, agora on line.

Senti que, após um período desafiador e introspectivo, talvez solitário, partia para outro, completamente diferente. Agora a Cy estava presente e atuante no que ela mais gosta de fazer.

Numa manhã do comecinho de abril, pensei que poderia ser mais agressiva em minhas atitudes. Em uma das minhas redes sociais, que utilizo para divulgar meus trabalhos e para que me conheçam um pouquinho mais, inventei de fazer uma live, única coisa que se falava no momento. Como teríamos uma data muito interessante sobre o livro infantil, utilizei-me desse argumento para celebrar a data (Dia do Livro Infantil) e entrar ao vivo contando uma historinha inédita e presenteando os participantes da live. Para minha surpresa, foi um sucesso! Centenas de comentários e acessos tive naquela tarde de abril.

A Cy, porém, ainda queria mais. Não estava contente totalmente. Ideias ferviam em sua cabeça. Queria uma forma de melhorar ainda mais todo este novo processo que estava acontecendo em minha vida. De uma simples escritora infantil de uma cidade do interior para uma, agora, contadora de suas historinhas nas redes sociais.

A insegurança sempre batia em minha porta. Será que estão gostando, ou..., mas o que eu via em cada nova publicação que eu estava ali, cumprindo o meu papel, semeando de alguma maneira o gosto e o amor pela leitura e convencendo as pessoas do bem que ela faz ao ser! E como diz aquela famosa música: “Caminho se conhece andando...” Pois bem, continuei andando e melhorando o meu caminho. Senti que precisava adequar minhas gravações e modernizá-las para atender ao imenso carinho que me depositavam. Percebi que precisava de uma make mais elaborada e pedi ajuda à filha caçula, atendida nesse assunto, que assumiu o papel. Percebi, também, que, com trocas de desenhos

e fundo, meu trabalho ficaria mais interessante. Tudo para atender um pessoal que estava me acompanhando nas aulas virtuais, as crianças, meus amores eternos.

E, como via progresso em todo o processo, investi com unhas – as minhas – e dentes – os meus – agarrando essa nova oportunidade de me reinventar.

Como já citei, um caminho que nem em sonho poderia imaginar acontecer em minha vida.

A colheita desse trabalho de formiguinha nas redes sociais começou a dar frutinhas maravilhosos. Meu trabalho foi sendo seguido por crianças de Salto, de outras cidades, de outros estados, como também de brasileiros moradores em Portugal, no Japão...

Esses retornos me davam a segurança de continuar, continuar...

E começaram agendamentos, durante o mesmo ano de 2020, de escolas que desejavam um encontro virtual comigo, o que só me dava mais estímulo e prazer.

As conversas, carinhosas e estimulantes, deixavam as crianças animadas e enriquecidas de prazer ouvindo as historinhas e sabendo um pouquinho mais sobre mim.

O pedido, ao terminar uma historinha sempre acontecia, mesmo virtualmente: “Conta outra, Cy!”, delicioso pedido de se ouvir!

Tudo isso me dava a certeza que precisava sempre melhorar, tanto quanto às roupas utilizadas nas gravações, como também nas escritas inéditas, buscando sempre o perfeito, podendo até ser imperfeito, mas com essência e conteúdo, de acordo com o universo infantil.

Segui meu trabalho, pensando sempre em agradecer o povo que me seguia. Como resultado, neste momento tão rico e criativo, um livro lancei, com ilustrações minhas. Confesso que, como professora por 32 anos, sempre proporcionei momentos de desenhos em minhas aulas para um melhor entendimento, entre os pequenos, do assunto que eu estava trabalhando ou quando simplesmente contava uma historinha e queria que todos estivessem na mesma sintonia que eu.

O meu quarto livro nasceu no período de quarentena, em plena pandemia. E como faria a Cy para, nessa ocasião, lançar um livro infantil?

Não queria comemorar solitária algo tão legal da minha vida! Queria compartilhar minha vitória, minha alegria.

Após pesquisar sobre o assunto, decidi que faria, sim, um lançamento de livro. E, como tenho em casa pessoas que abraçam sempre as minhas causas, fiz um drive thru e divulguei em minhas redes sociais. E não é que deu certo? O meu pensamento de ser uma ação desnecessária, pelo motivo da pandemia estar tão ativa em nossas vidas, da Cy esperar pelas pessoas e elas não aparecerem, não aconteceu. O time de apoiadores compareceu em massa e eu tive a certeza do bem querer desse povo.

Tantas alegrias em situações tão adversas! Esse é o grande desafio de viver. Na verdade, de saber viver, pois buscamos, todos os dias, maneiras de levar a vida da melhor forma possível, não é mesmo?

E o tempo passou, o ano virou, a pandemia continuou, os encontros on line, também. As vacinas chegaram, o processo é lento, mas é pra frente que se anda.

Avante!

E, numa manhã ensolarada de julho do ano de 2021, escrevendo este texto, posso citar, sem sombra de dúvida, que tudo que me aconteceu até aqui, nunca foi sorte, mas sim muito amor envolvido e bem querer!

CYNARA A. L. VERONEZI nasceu em Salto, no dia 17/10. Casada com Danilo Veronezi, tem três filhas: Isabela, Isadora e Yasmin. Formada no Magistério (Ensino Médio) e Pedagogia (Superior), atuou por 32 anos como professora da rede pública estadual de São Paulo.

É integrante da Academia Saltense de Letras (cad.18). É colaboradora do Jornal Taperá, com a coluna Historinha. Criou e coordena o Prêmio Jornal Taperá/Historinha. Realiza palestras e encontros em escolas. Tem dezenas de vídeos gravados contando suas histórias nas redes sociais.

É autora de quatro livros: “Historinhas”, “Histórias pra Contar”, Minha Fiel Escudeira e Eu” e “ A Pandemia no Reino Encantado”. Já prepara o lançamento de “Todos contam sua terra, também vou contar da minha... Salto!”



SONHOS DE PEÃO

Duarte Rodrigues

O pai acalentou consigo mesmo a vida toda um sonho de peão, embora jamais tenha feito sequer uma montaria. Dizia para a família que ambicionava ter um sitiozinho com vacas leiteiras, bezerros, porcos e galinhas, plantações e cavalos de sela.

Sem ter alcançado o intento, pelo menos proporcionou aos seus filhos uma paisagem bucólica, sob o sol encoberto pelo pomar de mangueiras centenárias - bourbon e espada, pés de abacate, jabuticaba, pera, jambo, parreiras de uva cuidadas com extrema delicadeza pela tia Clara, e, ao fundo do quintal, um imenso bambuzal, irrigado pela água cristalina que corria mansamente do valo.

Nesse cenário rural vivido na Vila Nova, ao pai restou apenas, enquanto viveu, cuidar da horta, criar galinhas e passarinhos na companhia de alguns cães.

Acompanhando de perto boa parte de seus anseios que foram ficando pelo caminho, eu, analfabeto graduado em significados de sinais, também quebrei

a cara nas poucas vezes em que ousei interpretá-los. A única interpretação que por enquanto parece incontestável é a que comparo o mundo a um barco constantemente à deriva em alto mar, por mais que instrumentos da arte de navegar, de alta precisão, sejam utilizados.

Tudo o que acontecera com meu pai, suas raras conquistas e seguidas frustrações, e agora se repete comigo, tinha que acontecer, e logicamente aconteceu, independentemente de empenho ou perseverança ou ainda pelos méritos e deméritos colhidos durante a vida.

Sorte ou azar são para mim, respectivamente, sinônimos de acerto ou de quando literalmente se mete os pés pelas mãos. A cada vez que ouvia a velha máxima, que servia tanto para mim como ao pai, de que não se deve dormir no ponto, dava a impressão de que passamos a vida dormindo. Tudo o que acontecera, inclusive as minguadas conquistas, não creditávamos à nossa argúcia em não as desperdiçar, mas simplesmente obras do acaso.

E também seguíamos a filosofia de não esperarmos nada do mundo nem das pessoas, nem de nós mesmos, o que nos tornava menos sujeitos a desencantos.

O amor à natureza, o gosto pelo campo, animais e pelo cheiro de terra molhada, devo ter adquirido dele, bem como a discordância em relação a nossa quase inexistente zona rural, deixando nosso município com o ar poluído e irrespirável.

Dá tristeza avistar nosso firmamento encoberto por loteamentos que devastam nossas matas, cujas

divisas estão logo ali, e que, no passado, contava com a verde proximidade de fazendas do Castanha, Santa Cruz, Pedra Branca, Samambaia, Chapada, Brasital, Conceição, Buru, Morro Vermelho, dentre tantas outras.

Ainda moleque acompanhava o pai nas caçadas a pintassilgos durante as manhãs de outono, na área de um brejo próximo à antiga cerâmica São Bento, hoje começo do Jardim das Nações. Duas coisas me incomodavam nessas andanças: levantar cedo e a coceira causada pelos irritantes micuins.

A Chácara do Lammoglia, localizada na baixada da Vila Nova, era outro local onde os pais me levavam e me sentia imensamente feliz. A família visitava amiúde esse pequeno paraíso, quando éramos recebidos cordialmente pelo simpático casal Carmelina Lammoglia e Isonso Ísola acompanhado de seus filhos.

Talvez fosse o protótipo do sítio almejado pelo pai, esse ambiente aconchegante e repleto de pés de frutas e bichos, árvores e palmeiras frondosas, nas margens das águas límpidas do Rio Jundiáí.

Desse tempo ficou a lembrança de um porquinho recém-nascido, tratado com mamadeira por dona Carmela, que a seguia igual a um cachorrinho pelos cômodos da casa simples e rústica. Ficava encantado com a história de vida que ouvia sobre o bichinho, desde o nascimento de uma grande ninhada da qual restou esse mirradinho, que acabou sendo adotado por ela.

De passar a infância admirando ninhos de beija-flores feitos de algodão, balançando ao vento, pendurados em galhos de bambu, brincando com gafanhotos, vaga-lumes e outros insetos, correndo atrás de

borboletas, escalando árvores, caçando com estilingue, jogando fubeca e soltando pião em terra batida, acabei me apaixonando pelas coisas rurais.

Fui contaminado por toda essa reminiscência campestre ao saber que o canto do galo, o som dos sinos e até o cheiro dos estábulos estão protegidos, a partir de agora, na França. Uma lei para proteger os sons e odores do campo, conhecido lá como “patrimônio sensorial”, foi aprovada pelo Parlamento francês, após uma batalha judicial entre dois vizinhos, pelo canto matutino de um galo numa ilha da costa atlântica daquele país.

Era tudo o que eu queria, em plena pandemia e nesses dias tristes, amargos e sem esperança vividos pelo nosso país, com nosso presidente tentando nos empurrar cloroquina goela abaixo, ter condições de realizar meu sonho de conhecer a França e ainda poder acampar na zona rural de Paris, desprovido de celular, distante de grupos de Whatsapp e internet e voltar aos meus tempos de criança.

E ainda ler o poeta pantaneiro Manoel de Barros e cantar com Zé Rodrix “... Eu quero carneiros e cabras pastando solenes no meu jardim...” ou com Belchior, recordando que ele “... era alegre como um rio/ Um bicho, um bando de pardais/ Como um galo, quando havia.../ Quando havia galos, noites e quintais...”.

Em 1920, ano em que o pai nasceu, a Gripe Espanhola estava no fim. E hoje ele já não está entre nós para testemunhar a pandemia da Covid-19.

Católico fervoroso, ele nunca participou nem comentou em família sobre a Romaria com destino a Aparecida. Mas me vem agora nitidamente à lembran-

ça que todo sagrado 12 de outubro, soltava rojões ao meio-dia em homenagem a Nossa Senhora Aparecida.

Com esse gesto talvez o pai quisesse justificar à Santa que, em virtude de não ter realizado seu sonho de peão, nunca a visitara em seu santuário, em romaria, montado em seu ambicionado cavalo marchador.

DUARTE RODRIGUES. Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Nossa Senhora do Patrocínio. Jornalista profissional, atua no Jornal Taperá, em Salto/SP, desde 2005, como redator, cronista e revisor. Em 2010 participou do Prêmio UFF de Literatura da Universidade Federal Fluminense de Niterói/RJ, com texto selecionado entre as 20 melhores crônicas que compuseram, ao lado dos vinte melhores contos e vinte melhores poemas, a Antologia do Cinquentenário da UFF, editada pela Editora Federal Fluminense. Em 2014 conquistou o 1º lugar no Festival de Poemas de Cerquilho (Fepoc), categoria Prosa, em concurso nacional de literatura do qual participaram escritores de 19 estados brasileiros e um da cidade de Saitama, no Japão.



EXPERIÊNCIA DE QUASE MORTE

Maria Christina Noronha Liberalesso

AGRURA

Dormi mal, acordei com calafrios; a febre e o mal-estar persistiam desde o dia anterior.

Meu filho veio com o termômetro: trinta e nove graus. Notei que ele estava pálido, abatido e também tinha tremores. Pedi que medisse sua temperatura: trinta e nove e três. Um dizia ao outro que deveríamos nos alimentar, porém os dois, exauridos, caímos no sofá da sala. Ali ficamos por minutos, horas talvez. O mal-estar aumentava, o ar nos faltava mais e mais.

O telefone não parava de tocar, estava insuportável. Meu filho atendeu com voz fraca e, do outro lado, minha netinha de 18 anos logo percebeu que algo estava muito errado. Passou a ligação para a mãe que exigiu que fôssemos para o hospital.

CAMINHADA PARA O INFERNO

No Hospital Nove de Julho, rapidamente foi constatado que eu e meu filho estávamos com Covid-19.

Eu fui conduzida diretamente para a UTI, pois, septuagenária, obesa e já tendo um pulmão comprometido, possuía muitos agravantes e facilmente era possível diagnosticar como um caso de evolução problemática.

Ele seria tratado em casa: jovem, saudável e médico, poderia fazer tratamento domiciliar.

Na sala de UTI me deparei com muitos profissionais e uma infinidade de aparelhos que foram rapidamente ligados a mim. A falta de ar já estava quase que insuportável.

Fui avisada que seria entubada.

O médico, cauteloso, disse-me que seria um procedimento parecido com o da endoscopia, apenas que a “anestesia” da endoscopia dura minutos e a da intubação dura dias.

Quem me dera!

A entubação foi feita.

Fiquei em coma induzido por três semanas.

Meu Deus! Foi o período mais horrível pelo qual já passei!

Havia pensado que uma pessoa em coma “apagava”, “dormia”, e depois voltava como se aquele período não tivesse existido. Não foi assim. Vi e ouvi durante todo o tempo, mas não consegui falar uma única palavra.

Senti uma sede terrível, achei que iria morrer de sede, queria pedir água, chorei, chorei muito, me debati,

tentei fazer com que me entendessem, mas os enfermeiros me amarravam fortemente na cama.

Eu ouvia:

“A febre não cede”

“O organismo não reage”

“Ela está muito agitada, precisamos amarrá-la com mais força”

Eu só queria pedir água. Água para não morrer de sede.

Pessoa alguma me entendia, medicavam-me constantemente, amarravam-me cada vez com mais força, mas água, absolutamente nada. Sem qualquer dúvida, iria mesmo morrer de sede, sem conseguir pronunciar a palavra “água”.

Durante esse tempo rezei muito, pedindo para que alguém me entendesse, pedindo a Deus por meu filho, que havia deixado doente em casa, para que ele houvesse se recuperado. Pedindo proteção para meu outro filho, minhas noras, netinhos adorados, meus outros familiares e demais pessoas queridas.

Direi agora uma coisa de que muito me envergonho, mas serei sincera, muitas vezes já pedi perdão ao Nosso Pai Celestial por esse ato tresloucado: em um momento de desespero, pedi a Ele para que me levasse e acabasse com meu sofrimento.

Entre sonhos e pesadelos, vislumbrava ternas brincadeiras e bate-papos com meus netinhos.

Quando divisamos que nosso tempo finda, imaginamos sensatamente como deveríamos tê-lo aproveitado melhor quando era profuso.

Nunca me faltou fé.

Nos momentos mais sombrios, repletos de dor e sofrimento constante, pedia a Deus e a Nossa Senhora Aparecida que iluminassem meu caminho, fosse nesse mundo ou em outro por nós ainda desconhecido e obscuro.

O tempo passava.

Certa hora, ouvi que seria desentubada.

O procedimento teve início.

Sensação muito estranha, pareceu-me que estavam tentando tirar meu estômago pela boca.

Foram poucos minutos, logo a seguir consegui pronunciar: ÁGUA.

Senti-me tão feliz!

Uma enfermeira molhou-me os lábios com algodão umedecido.

VOLTANDO À VIDA

Antes mesmo de pedir um copo de água, quis saber notícias de meu filho. A médica infectologista acalmou-me, dizendo que ele estava bem, que viera ao hospital todos os dias para se informar sobre meu estado de saúde. Mais tarde fiquei sabendo que tal não havia acontecido, o caso dele havia sido grave e ele sofrera muito.

Agora eu estava novamente feliz. Eu e meu filho havíamos recebido uma grande graça divina, uma nova vida. Estava certa de que saberíamos aproveitá-la de forma consciente, sem leviandade.

Ainda fiquei mais dois meses na UTI e depois mais

um mês na unidade semi-intensiva.

REGRESSO AO LAR

A volta para casa foi uma experiência fascinante, porém o retorno à vida ainda está sendo uma conquista a cada dia.

Saí do hospital com os membros praticamente paralisados, não andava, não conseguia nem mesmo segurar um copo.

Precisei de cuidadoras dia e noite, fraldas, banho na cama.

O tempo passou vagorosamente, fisioterapia constante, muitos cuidados, extremado carinho.

Cada pequena vitória era efusivamente comemorada.

Festejamos o dia em que dei os primeiros passos, o dia em que consegui abrir uma garrafa, o dia em que abandonei as fraldas, tudo era motivo de alegria, era a vida voltando paulatinamente.

Foram meses, vários meses.

Hoje, ando com relativa facilidade, não preciso mais de cuidadora, faço pequenos trabalhos e aproveito cada minuto desta nova vida maravilhosa que Deus me concedeu.

DESFECHO

Agora, mais do que nunca, fundamentada em minha fé inabalável, peço humildemente:

*“Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida”*

Dessa experiência de quase morte aprendi que devemos aproveitar todos os momentos, perdoar sempre, amar muito e agradecer a Deus por esse milagre chamado vida.

MARIA CHRISTINA NORONHA LIBERALESSO é professora e advogada, graduada pela Faculdade de Direito de Itu, pós-graduada em Direito Civil pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e em Libras pela Universidade Paulista.

Foi professora em vários níveis, do Infantil ao Superior. Atuou como profissional autônoma no Direito e na Procuradoria Geral do Estado. Tem surdez severa bilateral. Participa como voluntária na Brinquedoteca para Crianças Surdas. Faz palestras sobre surdez para surdos e ouvintes.

Escreveu o livro “Estudo Etiológico e Legislativo sobre a surdez”, “Sintonia de Almas”, com outros acadêmicos e teve participação em várias obras com diferentes autores. Desde 2014 integra a Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira 17, cujo patrono é Antoine de Saint-Exupéry.



ENCONTRO MÍSTICO

Mônica Leite de Araújo Dalla Vecchia

Apesar de vivermos em tempos de tristeza e inquietação, não quero começar com um lamento ou qualquer outra expressão que possa conotar fraqueza. Estou sentada na varanda e León, meu fiel e adorável pastor branco suíço, olha-me profundamente, esperando um convite para a sua brincadeira favorita: correr atrás da bolinha e trazê-la. Ligeiramente dividida, continuo a beber meu café, sentindo, no dorso da língua, o gosto acre do excesso de torra, que impede a percepção de outras nuances. Ao mesmo tempo, um insuportável ruído interno me incita a desnudar-me. Livrar-me de um estado de conveniência. Sair da superfície e mergulhar no íntimo do Mistério.

Um latido repentino, porém, rompe o silêncio da tarde apática de outono e me traz novamente à realidade. O gato Laerte aparece próximo à cerca viva. Laerte, um gato gordo, amarelo tigrado, que mora na casa ao lado, é o amigo do Leon. Uma amizade estranha, de

amor e ódio, mas ainda assim uma amizade... ou será a precariedade da minha condição humana que, inconscientemente, não me permite aceitar aquilo que é diferente. Abro meu caderno de rascunho. Preciso escrever, embora tenha consciência de que signos abstratos, imateriais, não conseguem traduzir o intraduzível.

Meu Deus, o que está acontecendo comigo? O bafo vaporoso do café embaralha em meu pensamento um denso leque de palavras, cujo conteúdo, desordenado e insolentemente simples, não pode mais se calar. Nesse instante, renuncio aos desejos destemperados do mundo. Percebo que o ser humano é uma prisão escura para si mesmo e é essa ausência de amor que o conduz às trevas. Agora vejo fatos desfilarem como pedras descendo rapidamente de altos penhascos e longas encostas em direção a um desbussolante labirinto. Somos golpeados por essas pedras lançadas por um sistema caótico que, em seu desalento, tudo reduz a pó. É o suicídio da alma, incapaz de ver a luz e de desejá-la.

Na verdade, há uma contaminação de toda atitude para a vida. De repente, tudo se paralisa ou desacelera. E esse não-sentido das coisas me faz clamar por misericórdia. Será que o gato Laerte e Leon também conversam com Deus? O fato é que Deus nos provoca a extrapolar o amor, porque Ele ama todas as suas criaturas e deseja ser amado por elas. Então, com uma dor acerba, lanço-me no espaço etéreo e, em uma fragmentação experiencial, desejo ardentemente pregar algo da felicidade eterna. Entregar-me e sub-

mergir-me na imensidade do Amor. Mas Deus está em silêncio. De fato, Deus pode ter muitas razões para se calar em certos momentos. De certa forma, o silêncio de Deus também é uma resposta.

Meu caderno é um deserto, mas, na confiança da entrega, toco as chagas. Quero saciar minha sede, bebendo desse sangue que nos justifica. Assim, como em um ritual de purificação, abro-me à força do Amor e entendo que, decerto, o que está acontecendo deve ser o que é. Aquilo que precisamos nem sempre é aquilo que queremos. Seria essa a resposta de Deus? Esse entendimento me permitiria transcender o caráter concreto do sensível, diante do qual o já e o não-ainda, momentos de grande tensão, pouco a pouco redescobrem a paz – encontro inesquecível que só o silêncio pode exprimir.

Paro e contemplo o infinito. Eu gosto de olhar o céu nos fins de tarde, quando os tons de violeta contrastam com o laranja açafrão do pôr do sol, confluência do grau supremo da perfeição com a humildade. É intrigante ver como os raios imensos do sol atravessam nuvens pesadas, cruzando o céu até nos atingir e promover um espetáculo sinérgico de cores e emoções. Parece que a nossa percepção desse evento muda conforme o tempo, os obstáculos e até a distância percorrida pela luz. E, no ínterim dessa latência, limite tênue entre o que eu sou, o que eu fui e o que talvez nunca serei, sinto o fulgor da Sua presença e me coloco em prece.

A sensação é a de que a minha alma, em um grito

surdo, rasga-se e alarga-se para a conquista da essencialidade. Deus, ilumina minha mente e incendeia meu coração. Estou sedenta de encontrar-me com a Substância imutável e imaculada. Poderia morrer agora... Não tenho medo... Quero antes estabelecer conexão íntima, oferecendo adesão incondicional de um coração fiel ao Mistério divino. Busco esse caminho por ventrículos estreitos, desoxigenados, cobertos de sangue e tormento. E uma chaga aberta parece espriar-se até o último limite do meu corpo. Herança de perguntas caladas e verdades ignoradas, que explodem num niilismo enlouquecedor.

Mas não seria o amor que dá acesso aos segredos mais profundos da existência? Escrevo um esboço de resposta e risco. No papel, tudo se mistura e se entrecruza: a ideia do infinito, a transcendência, o desejo metafísico, o tempo e a linguagem. A linguagem está permeada de interrogações intermitentes que desfilam na fronteira do inefável. E fico gestando palavras, no modo mais profundo de amar, mesclando o completo e o contraditório temporariamente em mim. Escrevo novamente e, ainda não satisfeita, levanto-me e caminho. Deixo-me levar, diluindo qualquer possibilidade de pensamento resistente. Não quero pensar, quero ser, como os pequeninos que se entregam sem questionamentos.

E, lentamente, como um fluxo límpido e sutil de uma energia nova, a linguagem do divino faz a vida florescer. Só o amor me põe em movimento. Revolve moções, não se cansa, é criativo. A verdade é que tudo

tem e faz sentido no amor. Volto o olhar ao inatingível em sua altura infinita. O olhar é a voz do silêncio. Libertação, transformação, conversão. Delírio sagrado e encontro face a face com o Transcendente. Aquilo que busquei em muitas partes, encontrei dentro de mim.

MÔNICA LEITE DE ARAÚJO DALLA VECCHIA é graduada em Letras (USP), Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Paris V e Doutora em Linguística Geral e Aplicada pela Universidade Paris III - Sorbonne-Nouvelle. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase na Aquisição da Linguagem e Semiótica, atuando principalmente nos seguintes temas: aquisição de língua materna e estudo das interações discursivas e do desenvolvimento da aprendizagem da escrita. É autora de livros na área da Linguística e da Educação. Comanda o Canal *Gramática sem Trauma* no YouTube. Na Academia Saltense de Letras (ASLe), ocupa a cadeira nº 5, cuja patronesse é Clarice Lispector.



CAIPIRA DE TANABI

Toni Tordivelli

Sou do “interiorzão”!

Nasci em Bauru, bem no centro do mapa do estado de São Paulo.

Hoje é uma cidade grande, mas, no meu tempo de infância, não era assim.

Cresci brincando às margens do rio que banha a cidade e que era largo e cheio de batedouros de roupas. Um deles, o mais lisinho, por tantas lavagens, era o de minha mãe – dona Mariquinha –, lavadeira e engomadeira.

A criançada brincava abaixo dos batedouros para não sujar a água, usada na lavagem. As margens eram usadas como coradouro das roupas brancas das mães. Tudo era festa e alegria!

Hoje, o riacho é totalmente canalizado, faz parte do saneamento da cidade, e em nada lembra minha infância, livre e feliz, de menina pobre, porém riquíssima em sonhos, ideais e vontade de vencer.

Minhas mais queridas lembranças e memórias,

porém, não vêm de Bauru. Essa cidade apenas embalou meus sonhos de adolescente que queria conquistar o mundo, falar Inglês, apaixonar-me por um bom rapaz, casar-me e viver muito feliz ouvindo Elvis Presley e um moço que começava a cantar, falando de amor, que se chamava Roberto Carlos.

E consegui! Apaixonei-me, casei-me, falo Inglês e ainda vibro por Roberto Carlos... Coisas do século passado!

Logo em 1965 saí de Bauru e, agora, nem a passeio vou mais por aquelas bandas.

A família acabou, os amigos envelheceram ou morreram, as ruas mudaram de nomes e a cidade passou dos limites que eu conhecia, fazendo jus ao nome Cidade Sem Limites. Nem meu sotaque vem de lá!

Minhas mais queridas e inesquecíveis lembranças vêm de mais longe.

Bauruense é fruto de cidade grande: entroncamento ferroviário que cresceu e se desenvolveu com a era das ferrovias no Brasil – Noroeste, Sorocabana e a Companhia Paulista.

Minha vida começou mesmo em outras plagas, quando me casei e deixei Bauru, primeiro para morar em Guiratinga/MT. Entretanto, minha paixão pela vida e pelas letras começou quando voltei para o estado de São Paulo. Vivi muitos anos numa pequena cidade, no Noroeste do estado, chamada Tanabi, vizinha de São José do Rio Preto.

Seu nome, em tupi-guarani, significa rio das borboletas.

Sou tanabiense de alma e coração, perdida hoje

por esses lados, pertinho da capital, mas ainda me considero caipira.

O meu sotaque, contudo, denuncia-me. Denuncia, mas de modo algum me envergonha. Pelo contrário, enche-me de orgulho!

Amo meus erres de “porrrta”, “morrte” e “Marrta”!

Tenho meu pezinho nas tradições interioranas, o que me traz muitas lembranças dos tempos vividos por lá e encham meu coração de alegria!

Levantei muita bandeira nas festas juninas que honravam Santo Antônio, São João e São Pedro. Enfeitei muita quermesse e muito andor de procissão com flores e bandeirolas coloridas – como as de Volpi. Puxei muito terço, cantei ladainhas e, com a voz lamentosa, desfiava os mistérios dolorosos na procissão do Senhor Morto...

Aliás, sabia de cor todos os mistérios e o dia de rezá-los! Gloriosos, gozosos e dolorosos, precedidos sempre do oferecimento do terço. Era convidada quase toda a semana do mês de maio para desfiar rosário nas festas em louvor a Nossa Senhora!

Aproveitei muito bem o chocolate quente e os quitutes que eram oferecidos após a reza do terço. Pulei fogueira, comi milho verde e batata doce, assados no braseiro e até escrevi meu nome na barra do vestido de noiva da minha amiga para arrumar casamento. Não sei se isso ajudou, mas o fato é que me casei e permaneço casada há 55 anos!

Coisas do século passado, que, infelizmente, meus netos não tiveram a felicidade de conhecer, muito me-

nos de viver essas tradições populares! Uma pena!

Em outubro, na cidadezinha onde morei, fazíamos procissões até a Capela de São Judas, rezando a novena do santo: uma boa caminhada de alguns quilômetros!

Uns iam pela fé no santo protetor das causas impossíveis. As jovens iam para ver se arrumavam namorado durante o percurso, que era cheio de rapazes, alguns até de outras cidades da redondeza.

Também dessa mesma cidadezinha saíam excursões a Aparecida, que antes era do Norte. Eram constantes, sempre lideradas pelo padre ou por alguma irmã!

Íamos em caravana, com vários ônibus lotados de fiéis – e até de infiéis! –, para aproveitarmos o passeio, principalmente a parada no Frango Assado, às margens da rodovia, para comermos espetinhos de frango empanado.

E as barraquinhas que lotavam a praça, bem antes de existir o Shopping Aparecida? Faziam parte do roteiro turístico da excursão.

Quanto de tercinhos e medalhinhas trazíamos para familiares e amigos! Presentes inesquecíveis, dados com o coração e com muita fé.

Bem antes de Renato Teixeira escrever sua *Romaria* em 1977 já nos considerávamos romeiros. A música veio para nos homenagear e, claro, louvar Nossa Senhora da Conceição Aparecida.

Encanto-me com seus versos! Com certeza, o autor estava iluminado com muita graça, quando a escreveu. Essa música deveria ser ensinada nas escolas, e

seus versos decorados, como um hino de amor.

Imortalizada na voz de Elis Regina, mas muito linda também na de Almir Sater, sempre nos traz memórias de dias de devoção.

A imagem, retirada do rio Paraíba do Sul por homens de fé e tementes a Deus, nos faz pensar que ainda continuamos “perdidos em pensamento”, substituindo nossos cavalos por carros possantes, apesar de não usarmos mais “gibeira” nem jiló!

Mas ainda estamos perdendo nossos irmãos na vida “em busca de aventuras”, descasando, jogando, investindo e – muitos e muitos – desistindo.

Mas, Ela continua lá.

Desde 1771, permanece altaneira, linda, mas humilde. Negra, pequenina, não mede mais que 36 centímetros. Resgatada do rio por simples pescadores pobres, com uma vida calejada, como para nos lembrar que somos todos iguais perante Deus, não importa os bens que tenhamos. Diferente das outras Nossas Senhoras...

Ah... Que saudade dessas romarias!

Faziam bem para a alma, para o espírito, e nos mostravam que rezar em conjunto era fácil e prazeroso. E com essas rezas conseguíamos nossas graças e tínhamos nossos pedidos realizados.

Hoje nem sei se existem mais romarias.

Só sei que elas nos estimulavam a orar, a refletir, a pensar no outro, em SER ao invés de TER.

Também sei – e quero saber muito mais! – para passar esse conhecimento aos meus netos, que continuo “caipira Pirapora Nossa Senhora de Aparecida”! E

que Ela me ilumine, sempre e cada vez mais, e a “minha mina escura e funda”, pois esse é o trem da minha vida.

Continuo sem saber rezar, mas continuo pedindo paz para esse mundo louco em que vivemos. Que Ela nos cubra com seu manto, não nos deixe cair nas tentações mundanas, dê-nos “paz nos desaventos”.

Esse é “meu olhar, meu olhar, meu olhar”...

TONI TORDIVELLI nasceu e cresceu em Bauru/SP. Em 1962, venceu um concurso e ganhou, do American Field Service, uma bolsa de estudos. Por um ano, viveu em West Allis, Wisconsin, EUA. Era o primeiro de seus sonhos que se tornava realidade: desenvolver a fluência no idioma americano. Formou-se em Licenciatura e Bacharelado em Letras, na Universidade Sagrado Coração. Foi professora, por 42 anos, nas redes estadual e particular de ensino.

Depois de ter passado por Guiratinga/MT, Tanabi/SP e Salto/SP, atualmente vive em Itu/SP. Desde 2019 integra a Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira nº 8, cujo patrono é Gonçalves Dias.

É autora do livro didático “OUTDOOR, Your link with the World”, para ensino da língua inglesa no Ensino Médio, e da obra crônicas “Bom dia, faces”, em dois volumes.



UM CAIPIRA DO SARTO

Valter Lenzi

Sou caipira com muito orgulho, uai. E um dos poucos que ainda restam nesta Sarto que cresceu muito nos últimos ano, mais eu continuo no meu sitinho que meu pai me deixou e ao qual prometi que jamais venderia. Às vezes aparece algum comprador, mas não quero nem ouvir a proposta, porque este lugar me traz muita recordação.

Tenho 80 anos e me lembro muito bem da minha meninice, pois graças a Deus aquelas doença que faz a gente tremer e nos deixa esquecido ainda não chegou por aqui e espero que nunca cheguem. Tem um tar de coronavírus por aí, que se aparecê enfrento ele na porrada. Tá matando muita gente e até perdi um vizinho amigo meu. Xô, corona!

Quando eu era criança, meu pai falava de uma gripe espanhola que matou muita gente na cidade e no mundo, como essa, inclusive ele perdeu amigos e familiares, mas não foi atingido. Ele dizia que naquele tempo ficava com medo de ir pra cidade, mas todo sábado

tinha que ir ao armazém do Hilário Ferrari para fazer compras de coisas necessárias para cuidar de sua horta e da plantação, como enxadas, pás, adubo e outras mercadorias. Cheguei a ir com ele de charrete quando tinha 7 ou 8 anos, na década de 1940 e quando ele faleceu tive que substituí-lo, mais o armazém não era mais do seu Hilário e sim do seu filho Berto.

Foi na década de 1950 e me lembro perfeitamente que a cidade era muito menor do que é hoje. O armazém ficava na esquina da 9 de Julho com a 7 de Setembro (hoje Monsenhor Couto) e todos os sábados, a partir das 7 horas da manhã, os sitiante chegava ali e enquanto suas mercadorias era preparadas, ficavam conversando, contando as últimas novidades, como falta ou excesso de chuvas, a situação precária das estradas municipais, a perda da plantação por algum motivo, etc.

Depois a gente descia até a praça principal onde o prédio do Coleginho das freiras ocupava um bom espaço. Às vezes os sitiante voltava no dia seguinte, quando tinham mercadorias pra vender no chamado “Largo”, que funcionava nessa praça e que era uma espécie de feira de domingo, na época em que ainda não existia feira na cidade. Nessa mesma 9 de Julho, que era conhecida como “Rua de Campinas”, passava os veículos que iam pra Itu e os que iam pra Indaiatuba ou Campinas, mas as estrada para esses vizinhos era ainda de terra, só tendo sido pavimentada muitos anos depois. A estrada para Itu foi asfaltada pelo Jânio Quadros, mas esfarelou, pois o governador usou um asfalto conhecido como “pé-de-moleque”, que só durava nos meses de antes as eleições.

Eram poucos os veículos que subiam e desciam a Rua 9 e mesmo em Sarto o número de carros era muito

reduzido. Só havia os “carros de praça”, das famílias Mилоco e Ramos, principalmente. Tinha também os Fordinhos do Pacheco e do Murgilinho, que levavam muita gente para Pirapora do Bom Jesus e para Aparecida do Norte, mas como as estradas de Sarto para Pirapora e para São Paulo era ainda de terra, as viagens era uma verdadeira aventura. Havia também os ônibus, os do “Guerra”, que faziam as viagens pra Itu eram um tormento e um deles foi queimado por estudantes que não aguentavam perder aulas com os defeito que os veículo apresentavam, na década de 1950, notícia que saiu até num jornal americano. Para São Paulo os ônibus eram da Anhanguera, que faziam ponto na Rua Monsenhor Couto, onde hoje tem um prédio de banco desativado.

A cidade devia ter mais ou menos 8 mil habitantes naquela época e o território por ela ocupado era muito pequeno. Era cercada por ruas que começava na Marechar Deodoro, dali para a Vila Nova, subindo até o Cemitério da Praça da Saudade, seguia pela Quintino Bocaiúva, descia pra Praça XV, na Vila Teixeira, e dali até a Rua Joaquim Nabuco, terminando na Marechar Deodoro, onde havia começado. Só depois de 20 ou 30 ano é que ela cresceu praticamente por todos os lado, inclusive pela margem esquerda dos rio Jundiá e Tietê.

A Prefeitura e a Câmara funcionavam na Rua Dr. Barros Jr., onde hoje está o Cemus I; a Delegacia de Polícia na Avenida D. Pedro II, onde tá o prédio do Fórum; os político de maior nome eram o Tita Ferrari, amigo do meu pai, pois era também sitiante, e o Chinchino (Vicente Scivittaro). Todo mundo trabalhava na Brasitar ou na Têxtir Assad Abdalla; além do Armazém Ferrari tinha o da Cooperativa Operária Sartense, o da Brasitar, do

Teixeira, Casarini, “Pedrão” e outros. Padaria tinha várias: da Cooperativa, do Mingo Lammoglia, do Conti, da família Pittorri, do Bethior, do Piaia e outras. As lojas principais era a Casa Armênia, da Francisca Dotta, do Rodrigues Escanho, do Salim Chiade, a sapataria do Nercaro Lui, do Júlio Marangoni e a do Bravo, dentre outras. Açougues do Julio Marconi, do Inácio Cruz, do Francisco Tonello, irmãos Pedroso, etc. Só tinha dois postos de gasolina: do Eduardo Steffen e do Mário Dotta, os dois na 9 de Julho (último quarteirão). Muitos arfaite fazia os ternos que todo mundo usava: Zéquinha Marques, Mário Effori, Pedro Garavello, irmãos Zanuni, Pinheiro, irmãos Malvezzi, Eduardo Castellari, Gentil Barrios, irmãos Hyppolito, etc. O número de bares também era grande: do Boni, do Antonio Di Lello, do Olavo, do Pierim, do Batagim, etc. Várias farmácias também: do Arlindo Vendramini, do Edmirson, do Laerson e outras. Lembro de toda essa gente, graças a Deus, porque Ele preservou minha memória.

Gosto de música caipira, principalmente do Tonico e Tinoco, que sempre ouvia no rádio galena que meu pai me deixou e que um dia substituí por um rádio portátil que tenho até hoje. Quando assistia ao programa da Inezita Barroso, na TV Cultura, aos domingos de manhã, gostava também de muitas músicas, principarmente uma que falava de romaria, Nossa Senhora Aparecida e da gente caipira da quar faço parte. Sei até cantar um pouco da letra, embora não seja devoto dessa santa, mas de Nossa Senhora do Monte Serrat (não perdia uma procissão do dia 8 de setembro). Quanto à romaria, fui numa delas na década de 60, mas não gostei, pois muita gente vai pra encher a cara e fazer bagunça em Pirapora.

Como diz essa música, peço todos dias, embora não saiba rezar, a Deus e às duas Nossa Senhora que iluminem a mina escura e funda e o trem da minha vida. Mas espero que o trem da minha vida me leve até uma estação bem mais longínqua, sem ter que sair do Sarto, onde vou passar meus últimos dias e aqui ser enterrado no túmulo dos meus pais. Se Deus quisé.

VALTER LENZI nasceu em Salto, em 25 de janeiro de 1941. Estudou no Colégio Sagrada Família, na Escola Anita Garibaldi, no Curso Vocacional da Escola Senai, de Itu; no Colégio Paula Santos; no Colégio Regente Feijó, de Itu; no Colégio Campos Salles, de São Paulo; e na Escola de Contabilidade Ortiz Monteiro, de Itu.

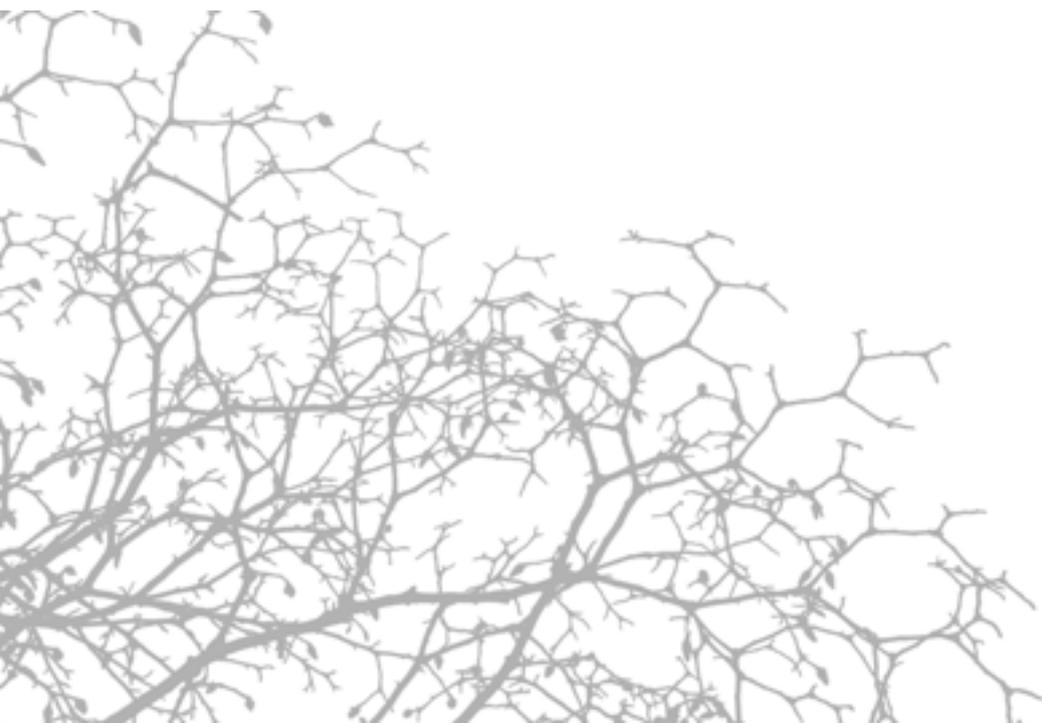
É casado com Zuleima Maria de Moraes Lenzi. Tem dois filhos: Cy-nara Aparecida Lenzi e Valter Lenzi Jr e os netos: Isabela, Isadora, Rafaela, Diego, Yasmin e Renan. É jornalista profissional e foi correspondente de diversos órgãos de imprensa, entre eles A Gazeta Esportiva, O Estado de S. Paulo, Cruzeiro do Sul, de Sorocaba; e Diário do Povo, de Campinas. É diretor e editor do jornal Taperá.

Autor de 14 livros: “História do Esporte Saltense”, “Cidade Divertida e Pitoresca”, “Crônicas da Cidade”, “Momentos”, “Croniquetas”, “120 Anos da Imprensa Saltense”, “Vagueando”, “25 Anos da Secretária Eletrônica”, “Archimedes Lammoglia”, “Cronicando”, “Cabecinha e Salto nos Anos 50”, “Mário Dotta” (biografia), “Vida Político-Administrativa de Salto” e “Alcione Pereira na Imprensa de Salto”.

É membro fundador da Academia Saltense de Letras, onde ocupa a cadeira número 6, patrono Mário Dotta.



POESIA



ROMARIA

Augusto Gasparini Filho

Na vida que tudo passa,
momentos de dor e graça
nos segmentos da história;
não fosse a perseverança
e o renovar da esperança
não haveria a vitória.

É de sonho, é de dor,
qual sonho que não tem cor
de uma dor que não se explica.
É o passado – no presente
que rouba o sono da gente
na dor que se multiplica.

É sonho que vira pó,
sem ter piedade, nem dó,
na poeira que esvoaça...
Sublime meditação
em prosa, verso ou canção
na carência de uma graça.

Assim se segue o destino,
qual fosse um pobre inquilino
velejando em pensamento...
Vai singrando as travessias
e improvisando poesias
em versos soltos ao vento!

Andarilho descuidado
entre a virtude e o pecado
cantarola uma canção;
no suor que molha o rosto
parece sentir o gosto
ao fazer sua oração.

E o pensamento permeia
nas horas de cada meia,
na fé, que ao Senhor implora.
Os olhos vertendo em pranto
de um momento sacrossanto
aos pés de Nossa Senhora.

No esforço da caminhada,
Já nas curvas da estrada
cavalgando em passo lento;
preso ao cavalo e ao laço,
e suportando o cansaço
luta contra o desalento.

Esmorecer? Credo em cruz!
Implora para Jesus
e à própria Virgem Maria.
Avante! Seguir em frente!
Mesmo que o sol mais es quente
no cumprir da profecia.

Junto às pedras do caminho
e ao som do burburinho
das patas do alazão,
morro abaixo – morro acima
e a sua fé se arrima
num rosário da oração.

Eis que nova ribanceira
junto ao rio, na cabeceira,
coloca em risco a jornada;
mas a fé que a tudo vence,
que o sacrifício compense
a vitória é antecipada.

Noite adentro... escuridão,
um calafrio de emoção
e um silêncio assombrador.
Uma prece – Ave Maria
e uma voz que assim dizia:
– Acreditai no Senhor

A lua, por companheira,
a brilhar, toda faceira
se ergue bem de mansinho...
Clareia a flora da mata
reflete luz na cascata
e ilumina o caminho.

E a luzir - belo planeta!
Olhos nus – por que luneta?
A brilhar no céu azul.
Três Marias, Virgem Santa,
na noite que tudo encanta:
– Eis o Cruzeiro do Sul!

E o sol em quinta grandeza
por obra da natureza
mostra a cara atrás do monte.
Aquece o orvalho da mata
entre pinguinhos de prata,
e espreguiça no horizonte.

Não se perde em pensamento
nem mesmo por um momento
haja piedade – haja dó...
E a fé renova a alegria
com Deus e a Virgem Maria,
na vida cumprida a só.

AUGUSTO GASPARINI FILHO é natural de Salto/SP. Nascido em 21 de outubro de 1944, é casado com Maria N. B. Gasparini, cujo enlace deu origem a três filhos: Taísa, Rodrigo e Randal, e quatro netos: Tainá, Taiane, Enzo e Vinícius. Completam a família o genro Hércules e as noras Andréa e Denise.

Fez o curso primário no Grupo Escolar Tancredo do Amaral e o ginásial no Colégio e Escola Normal Estadual Professor Paula Santos. Concluiu o curso de Técnico em Contabilidade na Escola de Segundo Grau Junqueira Ortiz, em Itu.

É Bacharel em Direito pela UNIP - Sorocaba. Diplomou-se também em Radialismo na Faculdade Anhembi-Morumbi, em São Paulo. Atuou como bancário por mais de 30 anos e mantém há 33 anos programa matinal na Rádio FM 90 - Salto. Faz parte também da União Brasileira de Trovadores. É membro fundador da Academia Saltense de Letras, sendo São Francisco de Assis o seu patrono.



Este livro utiliza as fontes Cinzel, Libre Baskerville, Microsoft Sans Serif, Richard Hamilton e Switzerland Condensed.

Foi impresso nos papéis: pólen 80 g/m² (miolo) e Triplex 250 g/m² (capa).

Quem não tem algo inusitado,
triste, instigante ou comovente
para contar sobre o período
em que o mundo foi abalado
pela pandemia de Covid-19?

Revirar conceitos, visitar
referências, ler e reler escritos
antigos e novos... procurar
respostas e chegar a uma identidade
poética própria.

Em Salto, cravada em território
caipira do estado de São Paulo,
24 escritores, membros
da Academia Saltense de Letras,
se dispõem nesta obra a registrar
suas percepções, reflexões
e esperanças diante do desafio
que se apresenta.

Para tanto, bastou dizerem a si
mesmos, como Renato Teixeira
em sua celebrada canção Romaria:
"Só queria mostrar meu olhar,
meu olhar, meu olhar".

ISBN: 978-65-993832-4-3

TC



9 786599 383243